

Plantas Úteis e Medicinais

na obra de Frei Vellozo

Maria das Graças Lins Brandão



CEPLA^{MT}

MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL
E JARDIM BOTÂNICO
DA UFMG

FUNDAÇÃO
Rodrigo Franco
de Andrade

CAMPUS
CULTURAL UFMG

DAC
DIRETORIA DE
AÇÃO CULTURAL

UF^{MG}

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

FAPEMIG

*Plantas Úteis
e Medicinais
na obra de Frei Vellozo*



Maria das Graças Lins Brandão

*Plantas Úteis
e Medicinais*
na obra de Frei Vellozo



EDITORA

Belo Horizonte

2018

Plantas Úteis e Medicinais na obra de Frei Vellozo
Copyright 2018 por Maria das Graças Lins Brandão

3i Editora Ltda

Tel.: (31) 3335-6085 - E-mail: contato@3ieditora.com.br

Revisão

Profa. Juliana de Paula-Souza e Profa. Teresinha L. B. Chaves

Tradução do latim

Padre Lauro Palú

Fotos

Maria das Graças Lins Brandão e Greick Seixas

Impressão

Gráfica e Editora O Lutador

Cadastro da Pesquisa no SISGEN: A5393B de 01/01/2018.

FICHA CATALOGRÁFICA

	Brandão, Maria das Graças Lins
B817p	Plantas Úteis e Medicinais na obra de Frei Vellozo / Maria das Graças Lins Brandão. – Belo Horizonte: 3i Editora Ltda, 2018.
	104 p. il
	ISBN: 978-85-9548-061-2
	1. Plantas - Brasil. 2. Plantas úteis - Brasil. I. Vellozo, Mariano da Conceição, frei. II. Título
	CDU 581.9(81)

Elaborada por Rinaldo de Moura Faria
CRB-6 nº 1006

APRESENTAÇÃO

Um dos resultados do projeto da pesquisadora Maria das Graças Lins Brandão, este catálogo, iniciado em 2017 no âmbito do Programa do Professor Residente do Campus Cultural UFMG em Tiradentes, apresenta um grande número de plantas uteis e medicinais catalogadas no século 18 pelo naturalista autodidata frei José Mariano da Conceição Vellozo (1742-1811) e encontradas na região Tiradentes.

Nascido na antiga Vila de São José, frei Vellozo foi um dos mais importantes botânicos de sua época e grande divulgador da ciência. Ele e sua equipe fizeram extenso levantamento da flora da Capitania do Rio de Janeiro e de partes de São Paulo, publicado na obra *Flora Fluminenses*, em que descrevem 1.693 espécies de plantas.

A UFMG, por meio de seu Campus Cultural em Tiradentes acolhe e promove esta pesquisa, que representa contribuição de grande relevância para a história da Ciência no Brasil e homenageia um de seus pioneiros, nascido em Tiradentes, no ano em que a cidade comemora seus 300 anos.

Desta forma, o Campus Cultural UFMG em Tiradentes, busca cumprir com o seu objetivo de desenvolver atividades na esfera de todas as manifestações da arte e da cultura, por meio de projetos de ensino, pesquisa, extensão e de cooperação entre a Universidade e instituições públicas e privadas de Tiradentes e de outras cidades da região.

É, portanto, com grande satisfação que apresentamos este relevante produto, construído a partir da pesquisa original e inovadora da Profa. Maria das Graças Lins Brandão

Profa. Sandra Regina Goulart Almeida
Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Este catálogo é mais um produto desenvolvido pelo Centro Especializado em Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas, da Universidade Federal de Minas Gerais (CEPLAMT/ UFMG). O grupo vem há mais de uma década envidando esforços na recuperação de dados, imagens e amostras das plantas medicinais e úteis nativas do Brasil, registradas em documentos e bibliografia publicada até 1950. Este trabalho é importante porque, nos séculos passados, a vegetação nativa era mais conservada e a população fazia uso, prioritariamente, das plantas da biodiversidade brasileira. As informações recuperadas são então devolvidas à comunidade por meio de atividades e materiais de divulgação científica. O principal objetivo dos trabalhos é apresentar à população a importância da flora brasileira, e alertar para a urgente necessidade de sua conservação e melhor aproveitamento.

Neste catálogo, são apresentados dados e imagens, antigas e atuais, de 80 plantas registradas pelo botânico Tiradentino, Frei Vellozo na sua obra *Florae Fluminensis*, organizada em 1790. O livro é um dos produtos oriundos das atividades desenvolvidas enquanto Professora Residente do *campus* cultural da UFMG, em Tiradentes. É uma grande honra poder presentear a cidade pelos seus 300 anos, com um trabalho sobre seu filho ilustre.

É preciso deixar aqui os agradecimentos à Diretoria de Ação Cultural da UFMG (DAC-UFMG) pela oportunidade de desenvolver os trabalhos em Tiradentes, bem como aos Coordenadores do *campus* Cultural Profs. Anna Karina Bartolomeu e Fernando Mencarelli. Agradeço também aos demais colegas do *campus* UFMG em Tiradentes Elizur, Juliana, Edilson, Magda, Jardel, Lorena, Alberto, Taquinho, além dos colegas de residência Profs. Carlos Falci e Rogerio. Aos amigos Fabíola e Guilherme (Instituto Estadual de Florestas, IEF), Marco Túlio, João Bosco e Rogerinho (Flona ICMBio/ Ritópolis), Mônica Cardoso (Festival Artes e Tradições), Aparecida Célia (UFSJ) e Rogerinho (Museu da Liturgia) deixo também meus agradecimentos pelo apoio aos trabalhos. Agradeço ao Biólogo Vinícius Faria, Profa. Nanci (Secretária de Educação de Tiradentes), Profa. Adriana (SRE de São João del Rei), Prof. Carlos Alberto Filgueiras (UFMG) e Prof. Rômulo (EE Basílio da Gama) pelo auxílio em diferentes fases do trabalho. Aos amigos de Tiradentes Carlos da AMAT, Luiz Cruz, Giovana e Bruno, Rita e Paulinho taxista, pela convivência fraterna durante meu período na cidade. Agradecimentos especiais para Greyck Seixas, pelo inestimável auxílio na localização de várias plantas, Padre Lauro Palú (Santuário do Caraça), pela importante tradução dos textos em latim, e a Profa. Juliana de Paula-Souza (UFSJ/ Sete Lagoas), pela necessária revisão e atualização da nomenclatura botânica. Agradeço também ao CNPq (Bolsa DT) e à FAPEMIG (Projeto PPM) pelo constante apoio aos nossos projetos.

Profa. Maria das Graças Lins Brandão
Coordenadora do CEPLAMT-UFMG

323 (bis). Elephantopus.

1. E. cervinus. E. foliis lanceolatis. (Tab. 148.ª T. 8.)

Si stentorea voce pollerem, ejus vim medicam extollerem. Dicere satis sit, rusticanis in omnem febrem remedium esse universale. Simplici decocto utuntur. Amara est. A Divina Providentia hoc statutum fuit, nullibi Americanarum gentium, ea carere, nec tempus, nec solum aliquod renuere: ergo ab aliis plantis secundum ordinem aequae a natura, et ab arte fuit Segregata.

“*Se eu tivesse uma voz de trovão eu exaltaria a virtude desta planta. As pessoas do interior usam o remédio em qualquer febre, o simples decocto. É amarga. Pela divina providencia a nenhum povo da América falta esta planta e por isto ela, entre outras, deve ser enaltecida pela sua natureza e arte.*”

Frei Vellozo
Florae Fluminensis
Texto para o Suassu-Caá

I. BIODIVERSIDADE E AS PLANTAS ÚTEIS E MEDICINAIS DO BRASIL.....	11
II. TRANSFORMAÇÃO DAS PLANTAS EM PRODUTOS.....	13
III. FREI VELLOZO E A OBRA FLORAE FLUMINENSIS.....	16

Espécies citadas por Frei Vellozo e seus nomes populares

ALBARÁ, MBEERY	20
ALECRIM	21
ALMESSEGA, ISICA	22
AMBUYAEMBO, ANHANGA PUTURÛ	23
AMINIU.....	24
APERTARÚÃO	25
ARAÇÃ	26
AVENCA.....	27
AXIÓTLI, URUCÛ	28
AZEDAS.....	29
BABOZA.....	30
CAAPÉBA, PERIPARÓBA	31
CAA-VU	32
CALSAS DE VELHA, TONHÔAEMRAMBEORA, VERBASCO.....	33
CANELLA DE EMA	34
CANJERANA.....	35
CANNA DO BREJO, PACÓ-CAATINGA	36
CARÔBA.....	37
CARQUEJA	38
CARRAPIXOS	39
CARURU MIÚDO	40
CAUVI, ANGICO	41
CAYÁPIÁ, CONTRA-HERVA, FIGUEIRA TERRESTRE	42
CONGONHA.....	43

COPAIBA, COPAIVA, COPAIVEIRA.....	44
CUIPEÚNA.....	45
ERVA DE SÃO JOÃO, MENTRASTO.....	46
GUAYABA.....	47
HERVA POMBINHA.....	48
IAPECANGA.....	49
INHAME, TAYA-OBA.....	50
IPEÚVA, IPÊ DO CAMPO.....	51
JABOTICABA.....	52
JACARANDÁ.....	53
JOÁ ARREBENTA.....	54
LINGUA DE TUCANO.....	55
LINGUA DE VACCA, TAPYRA-PECÛ.....	56
MACELLA.....	57
MARACUJÁ.....	58
MELÃO DE SÃO CAETANO.....	59
NHAMBÛ, NHAMBURANA.....	60
NHANDI.....	61
OFFICIAL DA SALA.....	62
ORA PRO NOBIS.....	63
ORELHA DE ONÇA.....	64
PAINEIRA.....	65
PINDAÍBA.....	66
PINHAS.....	67
PIPÍ.....	68
QUIGONGÓ, QUIABO.....	69
SAMAMBAIA.....	70
SARSAPARRILHA.....	71
SASSAFRÁZ.....	72
SAYÃO.....	73
SERRALHA.....	74
SIPÓ-CARIJÓ.....	75

SIPÓ-ISSICA.....	76
SOUTA CAVALOS.....	77
SUASSU-CAÁ.....	78
TRAPOEIRABA.....	79
TUINAMTIIBA.....	80
TUPIXAVA, VASSOURINHA.....	81
UNHA DE VACA, UNHA D'ANTA.....	82

Outras espécies citadas por Frei Vellozo (ordenadas por famílias botânicas)

<i>Dysphania ambrosioides</i>	84
<i>Schinus terebinthifolia</i>	85
<i>Araucaria angustifolia</i>	86
<i>Zeyheria montana</i>	87
<i>Dioscorea trifida</i>	88
<i>Joannesia princeps</i>	89
<i>Ricinus communis</i>	90
<i>Caesalpinia pulcherrima</i>	91
<i>Periandra mediterranea</i>	92
<i>Stryphnodendron adstringens</i>	93
<i>Hyptis radicans</i>	94
<i>Cedrela fissilis</i>	95
<i>Eugenia uniflora</i>	96
<i>Coffea arábica</i>	97
<i>Nicotiana tabacum</i>	98
<i>Cecropia pachystachya</i>	99
<i>Stachytarpheta jamaicensis</i>	100
GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS.....	101
ÍNDICE REMISSIVO.....	102
REFERÊNCIAS.....	104

I. BIODIVERSIDADE E AS PLANTAS ÚTEIS E MEDICINAIS DO BRASIL

O Brasil abriga em seu território a flora mais rica e diversificada do mundo. As plantas encontram-se distribuídas entre seis biomas: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampas, alguns dos quais reconhecidos como *hotspots* da biodiversidade, devido à abundância de espécies diferentes. Esse fato revela o grande potencial do país no desenvolvimento de medicamentos e outros produtos inovadores. Além da vasta biodiversidade, o país conta também com uma rica sociodiversidade, construída pela miscigenação entre culturas ao longo dos últimos cinco séculos. Achados arqueológicos vêm cada vez mais demonstrando, no entanto, que os povos Ameríndios habitam o território Brasileiro há mais de 15 mil anos. Eles são guardiões do conhecimento sobre as propriedades das plantas nativas.



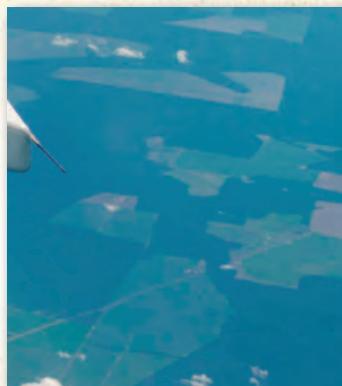
A despeito da riqueza reconhecida, a vegetação nativa do Brasil tem passado por intenso processo de degradação, causado por sucessivos ciclos econômicos, iniciado pela exploração do pau-brasil pelos portugueses, ainda no século XVI. Atualmente, apenas 7% da Floresta Atlântica encontram-se preservados, enquanto outros biomas como a Amazônia, os cerrados e a caatinga vêm sendo rapidamente substituídos por monoculturas de eucalipto, cana de açúcar, soja, mineração e criação de gado. As consequências de tamanha destruição de plantas úteis e medicinais são dramáticas.

Um estudo realizado pela equipe do CEPLAMT entre 2004 a 2005 (apoio da FAPEMIG), junto à população da região mineradora em Minas Gerais (Estrada Real), mostrou que mesmo entre aqueles habitantes mais idosos das áreas rurais, o conhecimento sobre as aplicações medicinais de plantas nativas encontrava-se comprometido. Os entrevistados relataram que aprenderam sobre os benefícios das plantas com familiares, mas isto não era mais possível porque muitas espécies não eram mais encontradas na região. De fato, atualmente, a maior parte das plantas usadas como remédios, especialmente no centro-sul do Brasil, consiste de espécies exóticas ou seja, nativas de outros continentes e vem sendo introduzidas aqui desde a chegada do europeu. A camomila, as hortelãs, babosa, funcho e manjerição são exemplos de espécies exóticas, entre dezenas de outras. Além da perda da biodiversidade, a instalação da indústria farmacêutica no Brasil em meados do século XX,

também deu início à maciça introdução dos medicamentos sintéticos, em substituição aos remédios preparados com as plantas.

Há mais de uma década, o CEPLAMT vem trabalhando na recuperação e divulgação de informações sobre as plantas brasileiras com histórico de uso tradicional. Milhares de informações foram recuperadas a partir de documentos e bibliografia publicados nos séculos passados. Importantes registros foram feitos pelos portugueses, especialmente os Jesuítas, ao longo da colonização. Outros europeus também fizeram registros importantes, como os holandeses Piso e Marcgrave, que viveram em Pernambuco durante a ocupação no século XVII. O século XIX foi notadamente marcado pelo trabalho de vários outros europeus naturalistas, que percorrem grandes extensões do país e registraram o uso de plantas. Entre eles estão o médico alemão Karl von Martius e o botânico francês, Auguste de Saint-Hilaire. Junto deste grupo de eminentes cientistas situa-se o brasileiro Frei Mariano da Conceição Vellozo. Ele foi o responsável pela

organização, ainda no século XVIII, da monumental obra *Florae Fluminensis*, na qual são descritas mais de mil e quinhentas espécies de plantas. Nesta obra, Frei Vellozo também descreveu os nomes e/ou usos tradicionais de algumas espécies, sendo que oitenta delas são apresentadas neste catálogo.



Desmatamento da Floresta Amazônica



Área de Mata Atlântica em Minas Gerais



Lama da Samarco, Bento Rodrigues, Mariana

II. TRANSFORMAÇÃO DAS PLANTAS EM PRODUTOS

Além da importante tarefa de se preservar as plantas brasileiras e seus usos tradicionais, é preciso transformá-las em produtos de valor comercial agregado, capazes de gerar renda e riqueza, para o país e os detentores do conhecimento. Dentro desta linha, desde a década de 1970, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a importância das plantas para o tratamento de várias doenças, e alerta para a necessidade de que esses remédios passem por processos de *validação*. Validar uma planta significa verificar se ela, de fato, tem o efeito proclamado e não é tóxica. Após esses estudos, os produtos com plantas medicinais comprovadas passam a se chamar fitoterápicos. Dezenas de plantas medicinais, como a babosa, hortelãs, boldo-do-chile, erva-doce e camomila já foram validadas e são recomendadas para uso como fitoterápico pela OMS. No entanto, tanto estas quanto a grande parte das plantas validadas hoje e usadas como fitoterápicos são espécies exóticas ou importadas. Infelizmente, raras são as plantas brasileiras que já tiveram suas eficácias suficientemente atestadas em laboratório e foram transformadas em produtos. É, portanto, importante e necessário estimular e apoiar os estudos sobre o potencial bioativo das plantas nativas, especialmente aqueles desenvolvidos pelos cientistas brasileiros.

Os métodos usados pelos cientistas para validar uma planta consistem, basicamente, de estudos botânicos, químicos, farmacológicos e toxicológicos:

Estudos botânicos: Iniciam-se a partir da coleta da parte usada como remédio e preparação de exsicata para identificação taxonômica (= definição da família, gênero e espécie). Essa identificação é feita pela observação de características próprias de cada espécie, como disposição das folhas no caule, pétalas e sépalas, entre outras características morfológicas. Atualmente, identificações também vêm sendo feitas pela caracterização do DNA obtido das células vegetais. Espécies novas e ainda não descritas recebem, junto com seus nomes científicos, o nome do botânico responsável pela primeira descrição. Centenas de plantas foram primeiramente descritas por Frei Vellozo, e podem ser identificadas pela presença da abreviatura do seu nome - "Vell." - junto ao nome científico da planta.

Estudos químicos: As partes da planta usadas para a preparação dos remédios são desidratadas a baixa temperatura (para que não haja perdas ou degradação das substâncias bioativas) e trituradas em moinhos, até sua transformação em pó. Sob essa forma, o material passa a ser chamado *droga vegetal*. As prováveis substâncias bioativas das plantas são então extraídas da droga vegetal com solventes (álcool, por exemplo). Existem vários métodos para se fazer as extrações: um deles é a percolação, que

consiste em passar pela droga vegetal uma sucessão de solventes, que vão carrear as substâncias químicas da célula vegetal para o líquido. Esses líquidos são depois evaporados a baixa temperatura, até a obtenção dos extratos secos. Para purificar e identificar as substâncias bioativas são usados métodos cromatográficos e espectroscópicos/ espectrométricos, que são capazes de elucidar as estruturas químicas. Várias substâncias ativas, como flavonoides, saponinas, óleos voláteis ou polifenóis, por exemplo, já foram identificadas nas plantas citadas por Frei Vellozo, e apresentadas neste catálogo.

Estudos farmacológicos e toxicológicos: São efetuados por meio de testes *in vitro*, nos quais os extratos são colocados em contato direto com os agentes causadores de doenças, como vírus, bactérias ou parasitas; ou *in vivo*, nos quais se usam animais de laboratório (cobaias) e posteriormente em humanos, por meio de ensaios clínicos. Várias atividades biológicas foram determinadas para as plantas registradas por Frei Vellozo, sendo as mais frequentes como antioxidantes antimicrobianas e anti-inflamatórias.

Os resultados obtidos nos estudos em laboratório são então publicados em revistas científicas (periódicos). Cada publicação passa a ser considerada uma referência bibliográfica. Essas referências são constituídas pelos nomes de um dos autores + seus colaboradores (e cols.), seguido pelos títulos das revistas (abreviados), os volumes e páginas nas quais o estudo foi publicado. Referências sobre os estudos com as plantas podem ser encontradas em bases de dados da internet entre eles a base *Pubmed* e as brasileiras *Scielo* e *Periodicos.Capes*.

Devido às dificuldades e o alto custo dos estudos de validação, desde 2002 a OMS vem também estimulando o desenvolvimento de produtos fitoterápicos a partir da *tradicionalidade*. Segundo aquele órgão, para plantas as quais é possível confirmar um uso consistente por longo período, os ensaios necessários para o desenvolvimento dos produtos podem ter alguma flexibilidade. Segundo a OMS, o uso secular de uma planta, para determinado fim, pode atestar a sua eficácia e efetividade. Este quadro confirma a importância de se recuperar as informações sobre os usos das plantas brasileiras nos séculos passados, e a relevância das informações registradas por Frei Vellozo.



Estudo botânico: exsicatas para identificação das espécies

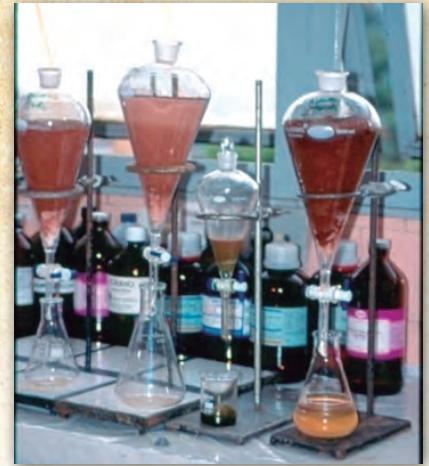
Estudo químico:



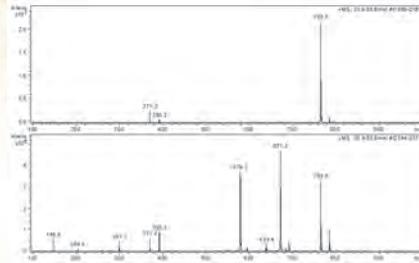
Desidratação em estufa



Trituração da planta seca em moinho



Preparação de extratos por percolação



Caracterização das substâncias bioativas por cromatografia

Estudos farmacológicos e toxicológicos:



Secagem e obtenção de extrato seco



Testes *in vitro* e ensaios clínicos



III. FREI VELLOZO E A OBRA FLORAE FLUMINENSIS

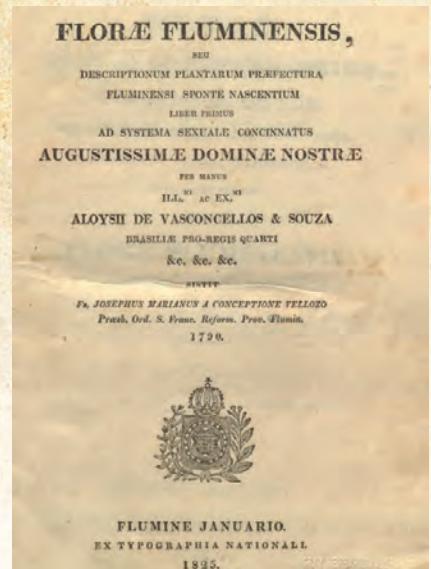
Frei Vellozo, batizado como José Vellozo Xavier, nasceu em 1741 na Vila de São José del Rey, atual Tiradentes, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1811. Contam seus biógrafos que, no período em que viveu na pacata Vila de São José, estudou latim e, como passatempo, vagueava pelos arredores examinando e colhendo plantas, indicando seu interesse para os estudos botânicos. Em 1755 iniciou sua vida religiosa no Rio de Janeiro e em 1771, transferiu-se para São Paulo. Em 1786 assumiu a cátedra de mestre em História Natural, quando então encontrou sua verdadeira vocação de naturalista. Atendendo determinações do Governador da capitania, incrementou seus estudos e coletas nos arredores da Vila de São Paulo. Sua atividade na área despertou a estima dos governantes da época, sendo-lhe então determinado que excursionasse pela capitania do Rio de Janeiro, e que reunisse suas investigações botânicas numa obra de conjunto. Foi assim que nasceu a *Florae Fluminensis*, uma encomenda do vice-rei do Brasil, Luis de Vasconcelos e Souza. Apesar de ter sido organizada em 1790, a obra só foi publicada em 1825, após a morte do autor. Isto aconteceu porque vários revezes em sua carreira, incluindo promessas oficiais não cumpridas, ida a Portugal e retorno ao Brasil, os originais do trabalho ficaram desaparecidos até 1824. A obra foi impressa por ordem do Imperador Pedro I, que vislumbrou na divulgação do trabalho de um naturalista brasileiro uma forma de afirmação da nova nação, que ficara independente de Portugal.



A *Florae Fluminensis* é uma obra grandiosa. Constitui-se de um volume contendo a descrição botânica de 1639 espécies de plantas, nativas e exóticas, e onze volumes com estampas. Na *Florae* são descritas também informações preciosas e estratégicas sobre o aproveitamento das plantas no século XVIII: entre as espécies descritas mais de 300 contam com alguma informação adicional, quer seja seus nomes tradicionais ou mesmo informações sobre cultivo da planta em hortas. A imagem a seguir ilustra a forma com a qual o autor descreveu os usos da Caapéba e a Congonha. Um aspecto importante e muito positivo é o cuidado que teve o autor em registrar os nomes tradicionais das plantas, destacando sua origem indígena, portuguesa (lusitana) ou brasileira. É curioso observar

que a confusão na atribuição de nomes populares às plantas já acontecia naquela época: Vellozo atribui à “taioba”, por exemplo, o nome de “inhamé”. É possível que muitos usos tradicionais de plantas que ocorrem no interior do país, como o barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*) e o ora pro nobis (*Pereskia aculeata*) tenham sido assimilados pelo autor na região de Tiraden-tes, durante sua juventude. De fato, essa região, ainda nos dias de hoje, é muito rica em biodiversidade, sendo que várias espécies citadas por Vellozo, em sua obra, ainda são encontradas, especialmente nas três áreas de conservação no entorno da cidade: a Serra de São José, a Serra do Lenheiro em São João del Rei e a Flona ICMBio em Ritópolis. Tendo saído de Minas Gerais aos 20 anos para seguir carreira eclesiástica, em sua permanência em São Paulo, Frei Vellozo teria também convivido com os indígenas. Nesta época, exerceu a catequese entre os índios da Aldeia de São Miguel, quando teve a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre as virtudes das plantas nativas. A recuperação dos nomes indígenas das plantas na obra de Frei Vellozo é importante ainda, porque abre a possibilidade de repartição de benefícios da comercialização de produtos com os povos originários do Brasil.

Se comparada com livros e outros compêndios da época, a obra de Frei Vellozo demonstra semelhante qualidade e precisão científica. A despeito disto, seu trabalho foi muito criticado pelas imperfeições. Mas para quem se impôs uma tarefa desta magnitude, deslizes devem ser aceitos e perdoados.



Capa dos volumes que contém as descrições das plantas e do volume XI com pranchas

TRIGYNIA.

28. Piper.

1. Pip. *umbellatum*. P. foliis cordatis sub-rotundis, acutis, venosis, spici-umbellatis. (Tab. 54.^a T. 1.)

OBSERVATIONES.

Vulgó vel *Caapêba*. vel *Periparóba* dicitur. Marcg. perperam asserit hoc piper a Lusitanis *Guaxima* denominari: Lusitanorum *Guaxima* ad Malvacearum genus pertinet.

Vim. aperitivam habet radix hujus speciei, ideo usu medico tristissima. *Ad ripas rivulorum, locaque humida lætanter vegetat; tum mediterraneis, tum maritimis habitat.*

2. Pip. *Jaborandi*. P. foliis lanceolatis; spicis, floribus pedicellatis. (Tab. 55.^a T. 1.)

OBSERVATIONES.

Hoc. piper ob acrimoniam cæteris celebrius hucusque (ni fallor) non fuit descriptum, etsi aliud sufficere, hoc est, piper reticulatum, seu, ut vulgó dicitur Nhandi cuius folia sunt cordata ac 7-nervia: P. Jaborandi veró ut supra

Exemplos de descrição da Caápeba (acima) e do Chá do Paraguai (embaixo)

1. Ch. *amara*. (Tab. 106.^a T. 1.)

Ch. nat. spec.

Caul. arboreus.

Ram. sparsi, patentes.

Fol. petiolata, sparsa, lanceolata, glabra, serrata.

Pedunc. axillares, brevissimi.

Infl. racemosa.

OBSERVATIONES.

Hæc est illa per quam celebris planta in Europa *Theæ Paraguáy* nomine cognita; in Brasilia vero *Congonha*. Duæ dantur species, quarum, hæc amarior est, sed alia usitatior. Botanici aliqui ad genus Cassini referre perperam existimarunt, cum *Tetranda* sit.

Hispani foliis tostis, et in frustrula redactis, in aquam calidam cum saccharo injectis per modum sorbitionis frequentissime utuntur. Eis placuit *Mate* dicere. Qui ripas Paraguáy incolunt, magna copia legunt; ad Potossy, cæteraque Ditionis Hispanicæ oppida exportant. Quæ hic consumitur, a Campis Præfecturæ Paulopolitanæ dictis Curitiba importatur.

ESPÉCIES CITADAS POR
FREI VELLOZO
E SEUS NOMES POPULARES

ALBARÁ, MBEERY

Nome científico: *Canna indica* L.

Família: CANNACEAE

“Nome Indígena Mbeery
(ou beery ou meery), Albará.
A raiz amassada no pilão,
com um pouco de água e
açúcar, esfregada nos
membros ajuda na paralisia.”



Volume I, prancha 01

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta ornamental. Extratos das raízes apresentaram atividades antimicrobiana, anti-helmintica, antidiabética e inibidora do HIV-1 em diferentes estudos.

Kumbhar e cols. (2018) Biochem Biophys
Rep16:50-55.



C. indica L.
Flora ICMBio,
Ritápolis/MG

ALECRIM

Nome científico: *Baccharis dracunculifolia*

DC. [*Cacalia rosmarinus* Vell.]

Família: ASTERACEAE

“Assim como o *Rosmarinus*,
recebe o nome de Alecrim.
Muito aromática.”



Volume VIII, prancha 67

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta é muito visitada pelas abelhas, que dela retiram resinas e óleos voláteis para a preparação da própolis. As atividades anti-inflamatória, antimicrobiana e antidiabética foram confirmadas em vários estudos. Avaliação recente mostrou ainda que extratos da planta são capazes de prevenir a formação da cárie. *Rosmarinus officinalis* L. é o nome do alecrim da horta, de origem Europeia, a qual Vellozo se refere.

Aires e cols. (2016) Int J Biol Macromol. 84:301-7.

Hocayen e cols. (2016) Pharm. Biol. 54(7):1263-71.



B. dracunculifolia DC., Serra de São José/MG

ALMESSEGA, ISICA

Nome científico: *Protium heptaphyllum*
(Aubl.) Marchand [*Amyris ambrosiaca* Vell.]

Família: BURSERACEAE

“Nome Indígena Isica, nome Português Almessega. Tanto no litoral quanto no interior. Chamada almessega devido a resina semelhante ao Mastichi. Coumier disse que destas árvores origina a resina cinza da qual se faz o âmbar. Mas eu não acredito que seja.”



Volume IV, prancha 03

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A resina extraída da planta é rica em α - e β -amirina, substâncias que desencadeiam ações no sistema nervoso central e periférico, trato gastrointestinal e sistema imunológico. A resina já foi muito usada para aromatizar incensos.

Nogueira e cols (2018) Fundam Clin Pharmacol.
doi:10.1111/fcp.12402



P. heptaphyllum (Aubl.) Marchand, Bonito de Minas/MG

AMBUYAEMBO, ANHANGA PUTURÛ

Nome científico: *Aristolochia cymbifera*
Mart. & Zucc. [*Aristolochia orbiculata* Vell.]

Família: ARISTOLOCHIACEAE

“O odor fétido das flores levou
ao nome indígena Anhangá
puturû que significa
Coffo do diabo.
Outro nome é Ambuyaembo
atribuído por Marcgrave.
Muito frequente nas matas.”



Volume IX, prancha 96

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Marcgrave foi um naturalista que viveu em Recife durante a ocupação holandesa, no século XVII. Ele descreveu os usos que os Ameríndios faziam de várias plantas medicinais. A planta tem efeitos antimicrobiano, antiparasitário e antioxidante.

Silva e cols. (2013) Springerplus 2:430.



A. cymbifera
Mart. & Zucc.
Catas Altas/MG

AMINIU

Nome científico: *Gossypium arboreum* L.

Família: MALVACEAE

“Nome convencional Brasileiro é Aminiú. Sendo uma planta conhecidíssima não precisa falar mais nada. Algumas espécies São oriundas da Ásia e da África e a respeito das quais deve-se perguntar a quem as planta”.



Volume VII, prancha 49

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se da planta que fornece o algodão, produto de elevado valor econômico devido ao seu emprego na indústria farmacêutica e têxtil. As sementes fornecem óleo. É planta exótica cultivada. Não foram encontrados estudos recentes de atividade biológica com a planta.



G. arboreum L., Bonito de Minas/MG

APERTARÚÃO

Nome científico: *Piper aduncum* L.

Família: PIPERACEAE

“Pimenta chamada apertarúão porque é adstringente e usada pelas mulheres para ter a sensação de virgem. É aromática”.



Diand. Trig.
PIPER ADUNCUM
(Tab. 6a)

Volume I, prancha 60

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Esta planta é conhecida também como falso-jaborandi. Extratos obtidos das folhas mostraram atividade como antimicrobiana, antiparasitária, inseticida e anti-inflamatória

Monzote e cols. (2017) Medicines (Basel) 4(3).
Thao e cols. (2016) Planta Med. 82(17):1475-1481.



P. aduncum L.,
Serra de São
José/MG

ARAÇÃ

Nome científico: *Psidium arboreum* Vell.; *Psidium rufum* Mart. ex DC. [*Psidium pilosum* Vell.]

Família: MYRTACEAE

“Nome comum brasileiro
é Araçã. Observei em Parati.”



Volume V, prancha 50

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Araçã é o nome dado a várias espécies de *Psidium*, plantas comuns nos cerrados. Os frutos são comestíveis sendo os do *P. cattleyanum* muito apreciados. As espécies contam com estudos que confirmaram seus efeitos como antioxidante, anti-inflamatório e antimicrobiano.



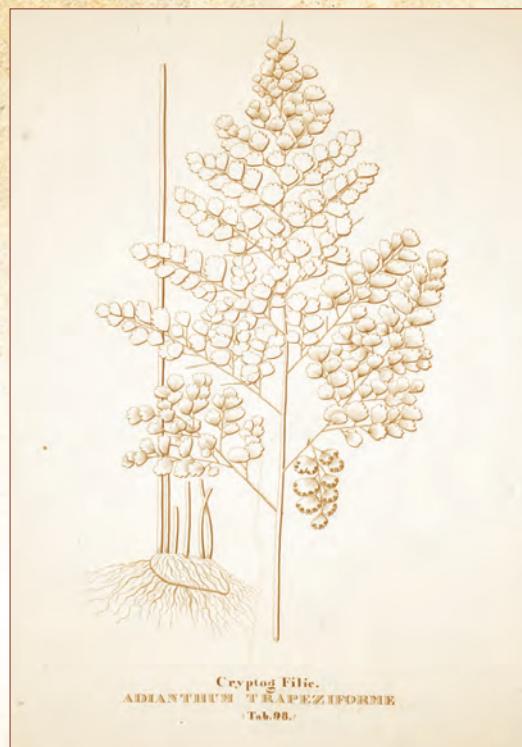
P. guineense Sw., Serra do Lenheiro, São João Del Rei/MG

AVENCA

Nome científico: *Adiantum* spp.

Família: PTERIDACEAE

“Conhecido pelo nome vulgar de Avenca. Ocorre em toda parte sendo abundante no litoral. Penso que é uma espécie comumente usada nas Farmácias.”



Volume XI, prancha 98

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Avenca é o nome genérico atribuído às espécies naturalizadas de *Adiantum*. A avenca *A. capillus veneris* era usada no passado para tratamentos de bronquites e outros problemas respiratórios, sendo inclusive comercializada nas farmácias. Estudos recentes confirmaram as atividades antimicrobiana e anticâncer *in vitro*. Nenhum estudo foi realizado com a espécie citada por Vellozo.

Khan e cols. (2018) *Front Pharmacol.* 9:815.



A. subcordatum Sw., Serra de São José/MG

AXIÓTLI, URUCÚ

Nome científico: *Bixa orellana* L.

Família: BIXACEAE

“Comumente conhecida como Urucú, na Europa Axiótlí. Litoral e interior, em prédios abandonados. Farinha colorida, tirada do arilo das sementes, chamada na Europa de Axiótlí, tem vários usos conhecidos por Orellana. Substitui o açafão.”



Volume V, prancha 99

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta muito conhecida e usada em todo o mundo para fins médicos e culinários. Muitos estudos demonstraram o potencial da bixina e tocotrienol, substâncias coloridas presentes nas sementes, como anti-inflamatório, antibacteriano, no tratamento da osteoporose e na proteção contra raios ultravioleta do sol. Este último efeito já era de conhecimento dos Ameríndios, que usam a planta como pintura corporal, há milênios.

Pierpaoli e cols. (2017) Phytomedicine 36:50-53.

Rojo e cols. (2018) Front Pharmacol. 9:287.

Mohamad e cols. (2018) Biomed Pharmacother. 103:453-462.



B. orellana L.
Coronel Xavier Chaves/MG

AZEDAS

Nome científico: *Hibiscus sabdariffa* L.

Família: MALVACEAE

“Comumente chamada de Azedas. Os negros usam frequentemente na comida, as outras pessoas não. Cultivadas nos quintais. Pode ser feito com ela o vinho dos franceses Gallis e dos ingleses Sorrel.”



Monard. Polyand.
HIBISCUS SABDARIFFA
(Tab. 50.)

Volume VII, prancha 30

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta exótica cultivada. É bastante estudada e com vários efeitos benéficos comprovados, inclusive para melhoria da memória. A planta é rica em antocianidinas, substâncias com elevada capacidade antioxidante.

Bayani e cols. (2018) Kobe J Med Sci. 2018.



H. sabdariffa L.,
Curvelo/MG

BABOZA

Nome científico: *Aloe perfoliata* L.
ASPHODELACEAE

“É a Baboza portuguesa.
As folhas cortadas
horizontalmente
exsudam líquido viscoso.”



Volume III, prancha 123

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Babosa é o nome genérico atribuído às espécies de *Aloe*, originárias do continente Africano. A *Aloe vera* é a espécie mais difundida no mundo e, por isto, centenas de estudos já foram realizadas com ela. Entre os resultados mais importantes está o efeito benéfico do gel no tratamento de queimaduras de 1º e 2º graus. Este emprego é recomendado pela OMS e ANVISA. O potencial da espécie citada por Vellozo não foi ainda avaliado.



Aloe sp., Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG

CAAPÉBA, PERIPARÓBA

Nome científico: *Piper umbellatum* L.

Família: PIPERACEAE

“Conhecido comumente por Caapéba ou Periparóba. Os portugueses chamam de Guaxima. A raiz da planta tem uma força aperitiva e uso médico.”



Volume I, prancha 60

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta muito comum e que ultimamente vem sendo novamente empregada na alimentação. Estudos recentes demonstraram atividade protetora gástrica, anti-inflamatória, antibacteriana e antioxidante.

Silva Junior e cols. (2016) J Ethnopharmacol. 192:123-131.

Iwamoto e cols. (2015) Evid Based Complement Alternat Med. 2015:948737.

Silva e cols. (2014) J Ethnopharmacol. 151(1):137-43.



P. umbellatum L., Tiradentes/MG

CAA-VU

Nome científico: *Indigofera suffruticosa* Mill.

[*Indigofera anil* L.]

Família: FABACEAE

“Nome indígena é Caa-vu devido a cor azul. Ocorre no litoral. Muito conhecidas pelos habitantes do Rio de Janeiro e bastante cultivada devido a fécula tintorial com nome de anil. A cada dia navios carregados levam a planta para Portugal.”



Diadelph. Decand.

Volume VII, prancha 120

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta contém alcaloides de cor azulada. Este pigmento já foi muito usado em tinturaria e esta prática está sendo retomada hoje. Os efeitos antibacteriano, antifúngico e antitumoral da planta foram demonstrados em vários estudos.

Bezerra e cols. (2015) Front Microbiol. 6:13.

Santos e cols. (2015) Front Microbiol. 6:350.

Vieira e cols. (2007) Evid Based Complement Alternat Med. 4(3):355-9.



I. suffruticosa Mill. Santa Cruz de Minas/MG

CALSAS DE VELHA, TONHÔAEMRAMBEORA, VERBASCO

Nome científico: *Buddleja stachyoides*
Cham. & Schltl. [*Buddleja australis* Vell.]

Família: SCROPHULARIACEAE

“É chamado Verbasco devido a semelhança com a espécie portuguesa; os nativos chamam de tonhôniaemrambeora que significa Calsas de Velha.”



Volume I, prancha 104

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Nenhum estudo científico foi realizado até o momento com esta planta.



B. stachyoides Cham., Serra do Gandarela, Rio Açima/MG

CANELLA DE EMA

Nome científico: *Vellozia candida* J. C. Mikan

[*Vellozia maritima* Vell.]

Família: VELLOZIACEAE

“Conhecida comumente
como canella de ema.”



Volume V, prancha 79

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Canela de ema é o nome atribuído às várias espécies de Vellozias devido ao aspecto de seus troncos, semelhantes às pernas do animal. Acredita-se que o nome *Vellozia* foi atribuído a esta planta em homenagem a Frei Vellozo, mas isto é um engano. A homenagem foi dada a outro religioso botânico mineiro, nascido em Mariana, Joaquim Vellozo de Miranda. Apenas a *V. gigantea* foi submetida recentemente a estudo que confirmou sua ação antimicrobiana e antimalárica.

Ferreira e cols. (2017) Mem Inst Oswaldo Cruz.
112(10):692-697.



Vellozia sp., Serra do Caraça,
Catas Altas/MG



CANJERANA

Nome científico: *Cabralea canjerana*
(Vell.) Mart. [*Trichillia canjerana* Vell.]

Família: MELIACEAE

“Chamada comumente de
canjerana. Matas do litoral e
do interior. Fornece madeira.”



Decand Monog
TRICHILLIA CANJERANA
(Tab. 109.)

Volume IV, prancha 02

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta pertence à mesma família do Neem (*Azadirachta indica* Juss), cujas folhas são usadas mundialmente como inseticida. A ação inseticida da canjerana também vem sendo evidenciada por meio de estudos.

Magrini e cols. (2014) J Insect Sci. 14:47.



C. canjerana
(Vell.) Mart.,
Morro do Pilar/MG

CANNA DO BREJO, PACÓ-CAATINGA

Nome científico: *Costus arabicus* L.

Família: COSTACEAE

“Nome Indígena é
Pacó-caatinga, Português
Canna do Brejo. O suco dos
caules é usado comumente
contra gonorreia.”



Volume I, prancha 05

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos preliminares *in vitro* mostraram que o chá da planta inibe o surgimento e a adesão de cristais de oxalato de cálcio nas células renais.

Cógáin e cols. (2015) Urolithiasis. 43(2):119-24.



C. arabicus L., Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG

CARÔBA

Nome científico: *Jacarãnda caroba*
(Vell.) DC. [*Bignonia caroba* Vell.]

Família: BIGNONIACEAE

“Conhecida comumente como
Carôba. Campos do interior.
Tem poder antivenéreo. Os
interioranos a deixam crescer
muito. É amarga.”



Volume VI, prancha 43

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Substâncias fenólicas presentes na planta mostraram efeito antioxidante específico para tratamento de desordens neurodegenerativas.

Ferreres e cols. (2013) Food Chem Toxicol. 57:91-8.

Foto: Luiz Cruz



J. caroba (Vell.) DC., Tiradentes/MG

CARQUEJA

Nome científico: *Baccharis crisper* Spreng.
[*Cacalia decurrens* Vell.; *Cacalia sessilis* Vell.]

Família: ASTERACEAE

“Conhecida comumente
como Carqueja.
Ocorre nos campos e
montanhas do interior.
Possui qualidades amargas.”



Volume VIII, prancha 72

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Esta planta é distribuída pela América do Sul e usada popularmente como digestiva. Estudos confirmaram esta ação.

Silveira e cols. (2018) Chem Biol Interact.
296:65-75.



B. crisper Spreng., Serra de São José/MG

CARRAPIXOS

Nome científico: *Acanthospermum australe*
(Loefl.) Kuntze [*Orcya adherescens* Vell.]

Família: ASTERACEAE

“Conhecido comumente como Carrapixos. Ocorrem para todo lado. Sementes aderem nas roupas.”



Volume VIII, prancha 83

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Plantas que ocorrem “por todo lado”, como Vellozo se refere para esta espécie, são consideradas ruderais. É preciso ter cuidado na coleta de tais plantas para uso porque, muitas vezes, elas crescem em locais poluídos. A *A. australe* vem sendo objeto de estudos recentes e alguns deles mostraram atividade antidiarreica e antiviral.

Mallmann e cols. (2018) Braz J Biol. 78(4):619-624.

Martins e cols. (2011) Pharm Biol. 49(1):26-31.



A. australe (Loefl.) Kuntze, Serra do Lenheiro,
São João Del Rei/MG

CARURU MIÚDO

Nome científico: *Amaranthus viridis* L.

Família: AMARANTHACEAE

“Chamado caruru miúdo.
Ocorre em muitos
lugares e países.”



Volume X, prancha 27

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta usada como alimento. O potencial antioxidante e nutricional foi confirmado em estudos recentes.

Silva e cols. (2018) An Acad Bras Cienc.
90(2):1775-1787.

Kumari e cols (2018) Indian J Pharmacol.
50(3):130-138.



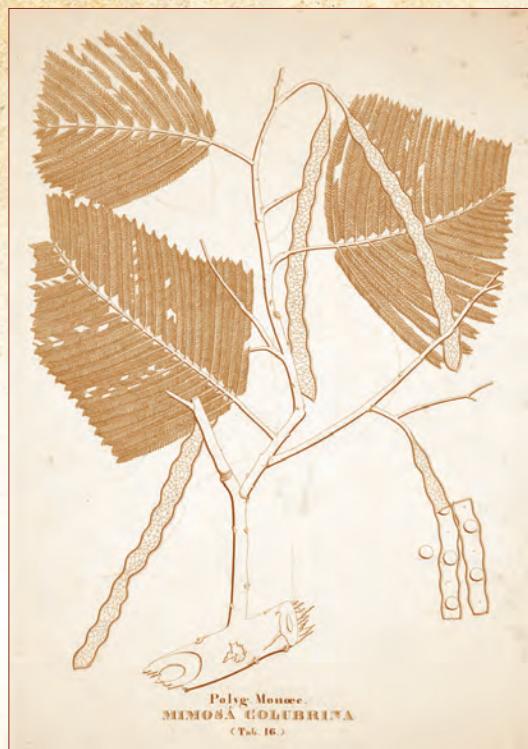
A. viridis L., Tiradentes/MG

CAUVI, ANGICO

Nome científico: *Anadenanthera colubrina*
(Vell.) Brenan [*Mimosa colubrina* Vell.]

Família: FABACEAE

“Cauvi, Angico. Pessoas do litoral chamam de colubrina. E também chamada angico porque toda parte é usada para a curtição do couro.”



Volume XI, prancha 16

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas da planta são ricas em taninos e aproveitadas como adstringentes para vários fins. Estudo químico caracterizou as estruturas químicas destas substâncias.

Mota e cols. (2017) PLoS One. 12(12):e0189263.



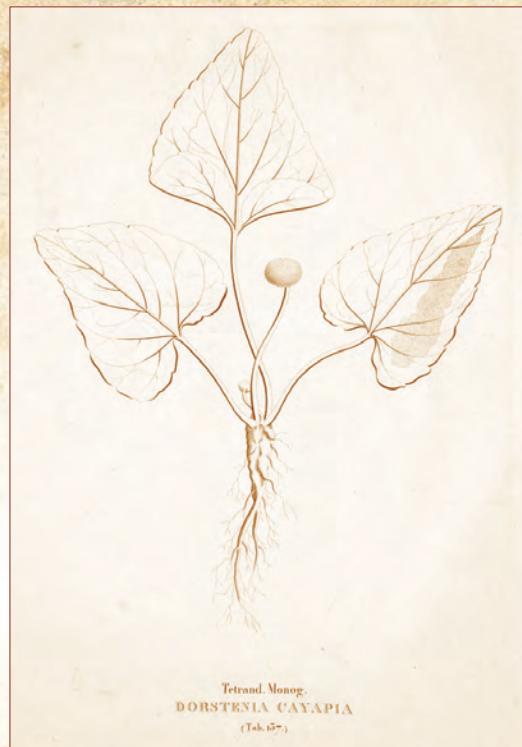
A. colubrina (Vell.) Brenan, Parque Santo Antônio, Andrelândia/MG

CAYÁPIÁ, CONTRA-HERVA, FIGUEIRA TERRESTRE

Nome científico: *Dorstenia cayapia* Vell.

Família: MORACEAE

*“Nome indígena Cayápiá,
Português Contra-herva e
Figueira terrestre devido ao
odor e sabor. Devido a
qualidade como antídoto
contra veneno é importante
na Matéria Médica.”*



Volume I, prancha 137

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os Ameríndios usam esta planta contra picadas de cobras há milênios. Efeitos anti-inflamatório e antimicrobiano foram confirmados e são atribuídos à presença de furanocumarinas.

Dzoyem e cols. (2013) Drug Discov Ther.
7(2):66-72.

Heinke e cols. (2011) Phytochemistry. 72(9):929-34.



D. cayapia Vell., Serra do Sucuriú, Francisco Badaró/MG

CONGONHA

Nome científico: *Ilex dumosa* Reissek
[*Chomelia amara* Vell.]

Família: AQUIFOLIACEAE

“Esta é a planta conhecida na Europa como Chá do Paraguai, no Brasil como Congonha. Os espanhóis deixam a folha tostada embebida com água e açúcar e a chamam de Mate. O mesmo nome é dado para duas espécies, uma das quais é mais amarga que outra. Alguns botânicos fizeram imaginar que se tratava do gênero Cassini. No Paraguai tem grande abundância, no Potossy e outras cidades, de onde é exportada. É muito consumida nos campos da Prefeitura de Curitiba.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

No gênero *Ilex* são agrupadas várias espécies usadas como bebida, sendo a mais conhecida o *Ilex paraguariensis*, ou chá Mate. O costume de usar o chá da planta como estimulante foi copiado dos Ameríndios, pelos colonizadores europeus. Este efeito é devido à presença de cafeína. Além dela, a planta é rica em substâncias fenólicas como atividade antioxidante. O *I. paraguariensis* tem sido objeto de vários estudos mas nenhum foi conduzido com a *Ilex dumosa*, citada por Vellozo.

Gan e cols. (2018) Nutrients. 10(11). pii: E1682.



Volume I, prancha 106



I. paraguariensis A. St-Hil., Andrelândia/MG

COPAIBA, COPAIVA, COPAIVEIRA

Nome científico: *Copaifera* spp.

Família: FABACEAE

“Copaiba ou copaiva,
comumente chamada
de copaiveira oficial.”

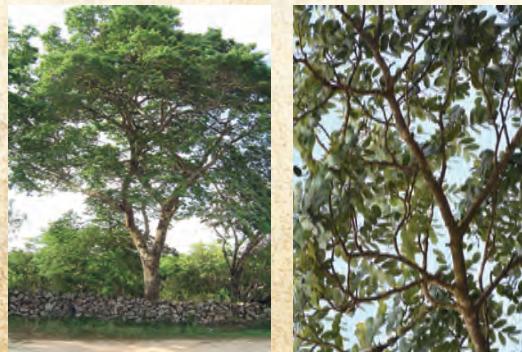


Volume IV, prancha 88

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As copaibeiras são árvores frondosas que produzem um bálsamo. A espécie *C. officinalis* citada por Vellozo não ocorre no Brasil. Ele provavelmente se referiu à *C. langsdorfii* Desf. O uso do bálsamo como cicatrizante de feridas foi um dos primeiros remédios dos Ameríndios, registrado pelos Portugueses. Vários estudos já demonstraram que o bálsamo é rico em diterpenos e óleos voláteis com elevada capacidade anti-inflamatória.

Ricardo e cols. (2018) J. Ethnopharmacol. 219:319-336.



C. langsdorfii Desf., Coronel Xavier Chaves/MG

CUIPEÚNA

Nome científico: *Pleroma mutabile* (Vell.)

Triana [*Melastoma mutabilis* Vell.]

Família: MELASTOMATACEAE

“Os indígenas a chamam
comumente de Cuipeúna.
Montanhas de Parati. A partir
dela faz-se uma tinta útil
para o curtume.”



Volume IV, prancha 130

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A espécie citada por Vellozo não ocorre em Minas Gerais, mas em Tiradentes existe a *Pleroma granulosum* (Desr.) D. Don. Não existem estudos de bioatividade com as espécies. Elas são usadas comumente como ornamental.



Pleroma granulosum (Desr.) D. Don, Tiradentes/MG

ERVA DE SÃO JOÃO, MENTRASTO

Nome científico: *Ageratum conyzoides* L.

[*Cacalia mentrasto* Vell.]

Família: ASTERACEAE

“Conhecida comumente como
Erva de São João, Mentrasto.
No litoral e no interior.
Utilizado na constipação.”



Volume VIII, prancha 69

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta muito comum nos campos e usada para vários fins. Estudos recentes comprovaram a sua ação anti-inflamatória.

Faqueti e cols. (2016) J Ethnopharmacol.
194:369-377.

Vigil de Mello e cols. (2016) J Ethnopharmacol.
194:337-347.



A. conyzoides L., Serra do Lenheiro, São João Del Rei/MG

GUAYABA

Nome científico: *Psidium guajava* L.

[*Psidium pyriferum* L.]

Família: MYRTACEAE

“Encontrada por toda parte. Chamada comumente de Guayaba. Come-se o fruto com açúcar. As folhas são adstringentes. Os técnicos dos moinhos usam na lixivia para depurar o açúcar. Suspeita-se que desta planta pode-se tirar um sal alcalino para a produção de vidro. Tem a variedade branca”.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta distribuída em várias partes do mundo e seus frutos são muito apreciados. As folhas são aproveitadas como adstringentes devido à presença de taninos e flavonoides. Estudo recente mostrou a eficácia do extrato da planta contra microorganismos resistentes aos antibióticos usuais e outros promotores de cáries.

Chakraborty e cols. (2018) J Integr Med.
16(5):350-357.

Shetty e cols. (2018) J Contemp Dent
Pract.19(6):690-697.



Volume V, prancha 48



P. guajava L., Serra do Lenheiro, São João Del Rei/MG

HERVA POMBINHA

Nome científico: *Phyllanthus niruri* L.

Família: PHYLLANTHACEAE

“Chamada Herva pombinha.
Ocorre onde quer.”



Volume X, prancha 16

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

P. niruri e *P. tenellus* são também conhecidas como quebra-pedra. São plantas ruderais, ou seja, “ocorrem onde querem”, como citado por Vellozo. Estudo recente confirmou que a planta é benéfica na prevenção do surgimento do cálculo renal, em animais.

Pucci e cols (2018) Int Braz J Urol. 44(4):758-764.



P. tenellus Roxb., Tiradentes/MG

IAPECANGA

Nome científico: *Smilax fluminensis* Steud.

[*Smilax china* Vell.]

Família: SMILACACEAE

“Plantas com o
nome Brasileiro
comum Iapecanga.”



Volume X, prancha 105

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Dezenas de espécies de *Smilax* ocorrem no Brasil e são usadas como “depurativas do sangue”. As raízes dessas plantas são ricas em saponinas com atividades diurética, anti-inflamatória e redutora do colesterol e triglicérides sanguíneos.

Pereira e cols. (2015) Food Res Int. 76(3):366-372.



Smilax sp., Tiradentes/MG

INHAME, TAYA-OBA

Nome científico: *Colocasia esculenta* (L.)

Schott [*Arum esculentum* L.]

Família: ARACEAE

“Comumente conhecida como Inhame. Nome brasileiro Taya-oba que significa comestível. As raízes bem cozidas são comestíveis, mas caso não estejam, espetam a garganta.”



Volume IX, prancha 105

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécie exótica cultivada. Os benefícios nutricionais desta planta já foram determinados. Estudos recentes mostraram seus efeitos benéficos em problemas relacionados a obesidade.

Azubuike e cols. (2018) Pak J Pharm Sci.
31:2143-2148.



C. esculenta (L.)
Schott,
Tiradentes/MG

IPEÚVA, IPÊ DO CAMPO

Nome científico: *Handroanthus serratifolius*
(Vahl) S.Grose [*Bignonia flavescens* Vell.]

Família: BIGNONIACEAE

“Comumente conhecida
como Ipeúva ou
Ipê do Campo.”



Didyn. Angiosp.
BIGNONIA FLAVESCENS
Volume VI, prancha 51

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécies de *Handroanthus* são conhecidas também como ipê amarelo. As cascas contêm substâncias com efeito antimicrobiano.

Costa e cols. (2017) Evid Based Complement
Alternat Med.2017:8074275.



Handroanthus ochraceus (Cham.) Mattos, Jeceaba/MG

JABOTICABA

Nome científico: *Plinia cauliflora* (Mart.)

Kausel [*Myrtus jaboticaba* Vell.]

Família: MYRTACEAE

“Os brasileiros colocam este fruto no lugar mais eminente. A prefeitura de São Vicente, no litoral de São Paulo, diz que é onde são conhecidas os melhores. Por isto são transportadas do mato para as hortas, onde são cultivadas. As pessoas do interior, que tem qualquer arvore carregada de frutos, cobram caro para que sejam colhidos. Os habitantes das margens do Rio São Francisco usam os frutos para fazer uma bebida fermentada. A árvore é lindíssima, digna de ser cultivada nos pomares dos reis, não só pela força das folhas, mas também pelas singularidades dos seus frutos que cobrem os ramos. O pericarpo é usado pelo povo do interior como adstringente e para cortar a diarreia, como clisteres.”



Volume V, prancha 62

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os frutos são ricos em antocianinas, substâncias com elevada capacidade antioxidante, útil na prevenção de várias doenças e até o envelhecimento. Vários estudos têm sido realizados e comprovam essas ações.



P. cauliflora (Mart.) Kausel, Sabará/MG

JACARANDÁ

Nome científico: *Machaerium* spp. e *Dalbergia* sp.

“Conhecida pelo nome de Jacarandá, nome indígena Jacarandátan. Se eu tivesse mais tempo para este trabalho iria descrever o peso e qualidades destas madeiras. Mas o estreito do tempo não me permitiu fazer. Não faltarão pessoas interessadas na flora do Brasil para fazer isto. Existem alguns arbustos também chamados jacarandá popularmente, mas são muito diferentes das aqui descritas”.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vellozo cita diferentes espécies de *Machaerium* e uma *Dalbergia* como Jacarandá. Essas árvores são comercialmente importantes devido a qualidade da madeira que fornece. Elas são utilizadas em construções, carpintaria e marcenaria.



Diadelph Decand.
NISSOLIA INCORRUPTIBILIS
(Tab. 82.)

Volume VII, prancha 82



Jacarandá, Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG

JOÁ ARREBENTA

Nome científico: *Solanum capsicoides* All.
[*Solanum arrebenta* Vell.; *S. sinuatifolium* Vell.]

Família: SOLANACEAE

“Chamada comumente de Joá arrebenta cavalo. Cresce no litoral e interior.”



Volume II, prancha 127

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome Joá arrebenta é atribuído à várias Solanaceas que produzem frutos muito tóxicos.



Solanum palinacanthum Dunal, Catas Altas/MG

LINGUA DE TUCANO

Nome científico: *Eryngium pristis* Cham. & Schltl. [*Eryngium lingua-tucani* Mart.]

Família: APIACEAE

“Chamado de lingua de tucano. Topos das montanhas, entre a grama. Preparação é usada como gargarejo na inflamação da garganta.”



Volume III, prancha 103

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Extratos da planta foram testados contra várias bactérias resistentes a antibióticos, mas não apresentaram efeito.

Panda e cols. (2016) Molecules 21(3): 293.



E. pristis Cham. & Schltl, Serra de São José/MG

LINGUA DE VACCA, TAPYRA-PECÛ

Nome científico: *Chaptalia nutans* (L.)

Polák [*Tussilago vaccina* Vell.]

Família: ASTERACEAE

“Conhecido comumente como
Lingua de vacca que vem do
nome brasileiro, Tapyra-pecû.

Coletada muito
frequentemente pelo país
devido ao seu poder de cura.”



Volume VIII, prancha 143

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A despeito da importância medicinal descrita por Vellozo há séculos, não existem estudos de bioatividades recentes com esta planta.



C. nutans (L.)
Polák, São João
Del Rei/MG

MACELLA

Nome científico: *Pseudognaphalium cheiranthifolium* (Lam.) Hilliard & B.L.Burt
[*Gnaphalium macella* Vell.]

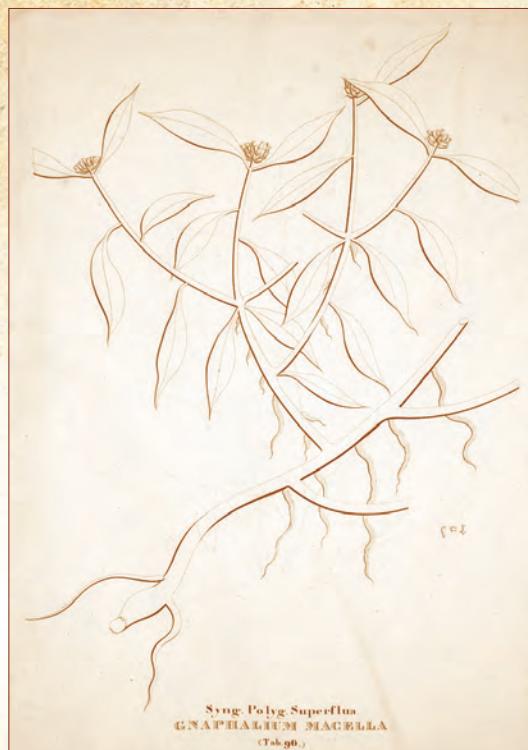
Família: ASTERACEAE

“Comumente conhecida como Macella. Flores são usadas frequentemente para encher almofadas: mas o odor na cabeça pode desagradar. Usada em banhos.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Sob o nome de macela é conhecida a *Achyrocline satureoides*, espécie amplamente distribuída no sul e sudeste do Brasil. É curioso observar que as flores de outra espécie, conhecida como Macella foi citada por Vellozo, e ela era também usada no enchimento de almofadas. A macela *A. satureoides* já foi submetida a estudos que confirmaram seus efeitos antioxidantes e antiúlcera gástrica. Já a *P. cheiranthifolium* não foi ainda estudada.

Santin e cols. (2010) J Ethnopharmacol.
130(2):334-9.



Volume VIII, prancha 96



A. satureoides (Lam.) DC, Resende Costa/MG

MARACUJÁ

Nome científico: *Passiflora edulis* Sims

[*Passiflora diaden* Vell.]

Família: PASSIFLORACEAE

“Litoral e interior. Fruto amarelo, comestível. Folhas usadas como remédio”.



Cyrenaud, Poul.
PASSIFLORA EDULIS
(Tab. 89)

Volume IX, prancha 89

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Entre as espécies de maracujás a *P. edulis* é mais usada na preparação de sucos. Tanto os frutos quanto as folhas vem sendo amplamente estudados e muitos efeitos determinados. Em estudo recente, por exemplo, ficou confirmado o efeito benéfico do consumo da farinha da casca do fruto no controle do diabetes.

Goss e cols. (2018) Biomed Pharmacother.
102:848-854.



P. edulis Sims, São João Del Rei/MG

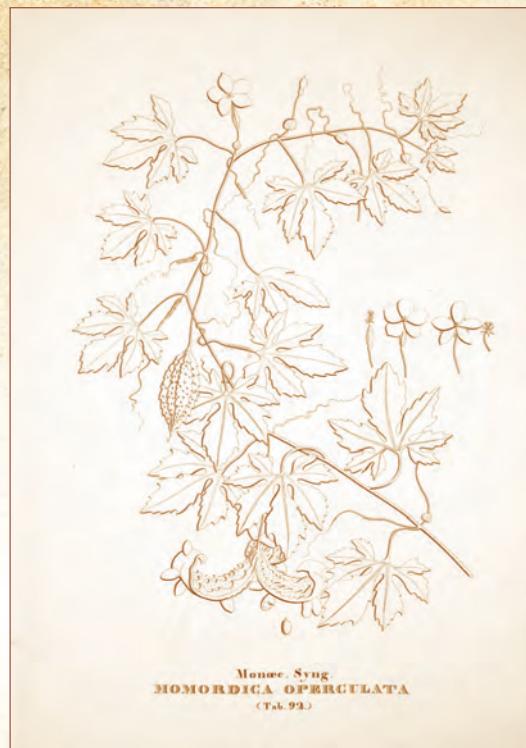
MELÃO DE SÃO CAETANO

Nome científico: *Momordica charantia* L.

[*Momordica operculata* L.]

Família: CUCURBITACEAE

*“Comumente chamada de
Melão de São Caetano.
Por toda parte.”*



Volume X, prancha 92

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta ruderal exótica, distribuída em várias partes do mundo. A espécie é muito estudada e testes preliminares em animais indicaram um possível efeito no tratamento do diabetes e nas inflamações.

Peter e cols. (2018) Syst Rev. 15;7(1):192.

Zeng e cols. (2018) Lipids Health Dis. 6;17(1):251.

Fotos: Laura Oliveira



Momordica charantia L., Montes Claros/MG

NHAMBÛ, NHAMBURANA

Nome científico: *Acmella oleracea* (L.)

R.K.Jansen [*Spilanthes oleracea* L.]

Família: ASTERACEAE

“Usada pelos brasileiros nos molhos de carne para estimular o apetite. A planta queima. Tem por toda parte. No litoral e no interior.”



Volume VIII, prancha 89

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se do jambu, planta muito apreciada na culinária do norte do país. Ela contém o uma substância chamada espilantol, que age na boca promovendo sensação de anestesia. Extratos da planta foram eficazes contra bactérias causadoras de várias doenças.

Vlachoianis e cols. (2018)
Phytoter Res 32(10):1992-2001



A. oleracea (L.) R. K. Jansen, Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG

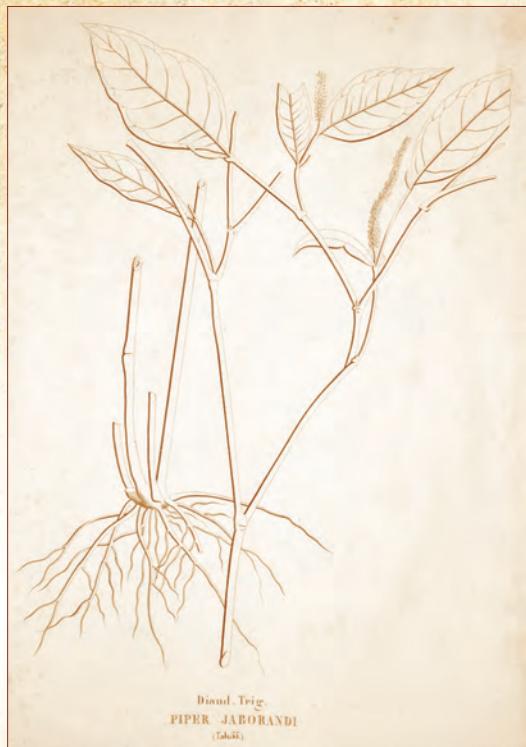
NHANDI

Nome científico: *Piper anisum* (Spreng.)

Angely [*Piper jaborandi* Vell.]

Família: PIPERACEAE

“Chamada comumente de Nhandi. Nasce em qualquer lugar do litoral ou interior.”



Volume I, prancha 55

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se de outra planta que contém substâncias que causam sensação de anestesia na boca. Estudo recente mostrou atividade de extratos contra o *Aedes aegypti*.

Marques e cols. (2017) J Vector Borne Dis.
54(1):61-68.



P. anisum (Spreng.) Angely, Flona ICMBio, Ritópolis/MG

OFFICIAL DA SALA

Nome científico: *Asclepias curassavica* L.

Família: APOCYNACEAE

“Comumente conhecida como
official da sala. Cresce por
toda parte no litoral e
interior.”



Volume III, prancha 64

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Esta planta é considerada tóxica devido a presença de substância cardioativas.

Zhang e cols. (2014) Org Biomol Chem.
12(44):8919-29.



A. curassavica L.,
Tirardentes/MG

ORA PRO NOBIS

Nome científico: *Pereskia aculeata* Mill.

[*Cactus pereskia* L.]

Família: CACTACEAE

“Comumente conhecida como Ora pro nobis. No litoral e no interior. Etíopes usam como comida no lugar do hibisco.”



Volume V, prancha 26

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Etíopes era o nome genérico atribuído aos povos africanos. Espécie muito apreciada na culinária devido ao aroma e consistência particular que confere aos pratos. Estudo recente mostrou que a planta é rica em polifenóis com efeito antioxidante, antimicrobiano e antifúngico.

Souza e cols. (2016) Int J Mol Sci. 3;17(9).



P. aculeata Mill., Bichinho, Prados/MG

ORELHA DE ONÇA

Nome científico: *Cissampelos ovalifolia*

DC. [*Echites dubius* Vell.]

Família: MENISPERMACEAE

“Campos do interior. Raízes da planta são usadas na medicina rural para várias virtudes.”



Plant. Monog.
ECHITES DUBIA
(Tab. 50.)

Volume III, prancha 50

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Apesar de ter as virtudes medicinais destacadas por Vellozo, não existem estudos de bioatividade recentes com esta planta.



C. ovalifolia DC., Curvelo/MG

PAINEIRA

Nome científico: *Ceiba speciosa* (A.St.-Hil.)

Ravenna [*Bombax aculeatum* L.]

Família: MALVACEAE

“Conhecido comumente como
Paineira. Florestas das
montanhas do interior”.



Volume VII, prancha 56

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A paina (algodão) produzida pelos frutos desta árvore já foram muito empregados no enchimento de colchões e travesseiros. Estudo recente mostrou o potencial antioxidante do chá das cascas dos galhos.

Dörr e cols. (2018) Nat Prod Res. 24:1-4.



C. speciosa (A. St.-Hil.) Ravenna, Itacarambi/MG

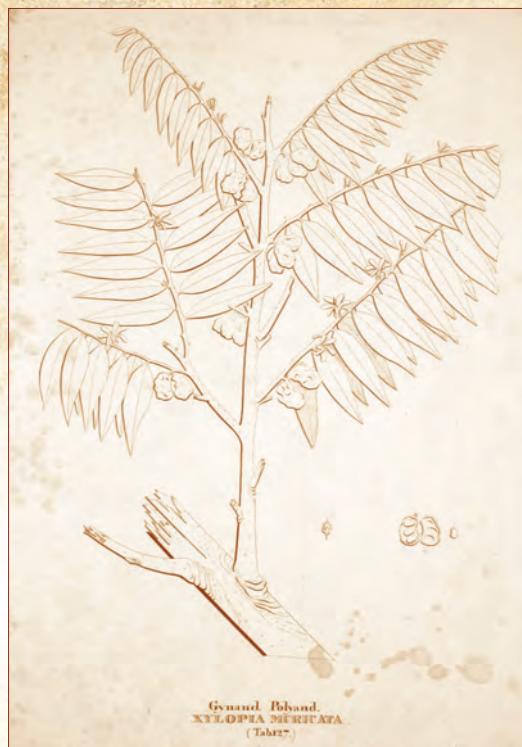
PINDAÍBA

Nome científico: *Xylopia frutescens*

Aubl. [*Xylopia muricata* Vell.]

Família: ANNONACEAE

“Na linguagem brasileira é denominada Pindaíba. Casca do fruto é acre e aromática. Aroma lembra o cravo e a pimenta indiana.”



Volume IX, prancha 127

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Pindaíba é o nome popular atribuído a várias espécies de *Xylopia*. Estudos vêm sendo conduzidos com essas plantas, tendo *X. aromatica* mostrado atividade nas disfunções metabólicas ocasionadas pela obesidade.

Oliveira e cols. (2018) Food Res Int. 105:989-995.



X. aromatica (Lam.) Mart., Bonito de Minas/MG

PINHAS

Nome científico: *Annona mucosa* Jacq. *Annona muricata* L., *Annona sylvatica* A.St.-Hil.

[*Annona reticulata* L., *Annona exalbida* Vell.]

Família: ANNONACEAE

“Comumente conhecida como
Fructa de conde, Pinha,
Araticûponhé e Araticûpitâya.
Os frutos não são deliciosos.
Raiz muito odorífica.”



Volume V, prancha 130

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Pinha é o nome genérico atribuído a várias espécies de *Annona*, muitas delas nativas do Brasil. Os frutos são muito apreciados e nutritivos. Essas ações foram confirmadas por meio de vários estudos.



Annona tomentosa
R.E.Fr,
Serra do Lenheiro,
São João Del Rei/MG

PIPÍ

Nome científico: *Petiveria alliacea* L.

[*Mapa graveolens* Vell.]

Família: PHYTOLACCACEAE

“É conhecida pelo nome vulgar de Pipí. Tem odor forte, por isto que para as pessoas simples do interior, sobretudo os negros, ela tem uso médico.”



Volume I, prancha 153

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécie naturalizada. Toda a planta exala um aroma aliáceo. Estudos mostraram efeitos anti-inflamatório específico para asma, antioxidante, antimicrobiano e anti-helmíntico.

Gutierrez e cols. (2018) Chin J Integr Med.

Gutierrez e cols. (2017) Pharmacogn Mag.

13(Suppl 2):S174-S178.



P. alliacea L., Tiradentes/MG

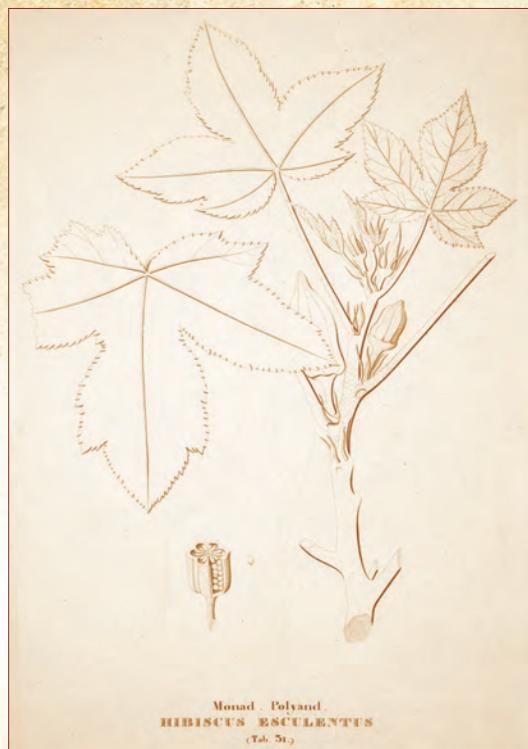
QUIGONGÓ, QUIABO

Nome científico: *Abelmoschus esculentus* (L.)

Moench [*Hibiscus esculentus* L.]

Família: MALVACEAE

Chamado Quigombô e
Quiabo. Cultivado
nos quintais.
Uso muito frequente.”



Volume VII, prancha 31

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécie exótica cultivada, com alto valor nutritivo. Vários estudos mostraram a presença de substâncias bioativas fenólicas, com efeito antioxidante.

Islam (2018) Phytother Res.
23:48



A. esculentus (L.) Moench, Tiradentes/MG

SAMAMBAIA

Nome científico: *Pteridium arachinoideum*
(Kaulf.) Maxon [*Pteris caudata* L.]

Família: DENNSTAEDTIACEAE

“Chamada comumente de
Samambaia. Locais áridos.
Cinzas fornecem poderoso
sal de álcali.”



Volume XI, prancha 80

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécie invasora naturalizada. Não existem estudos de bioatividade para esta planta.



Pteridium sp., Caeté/MG

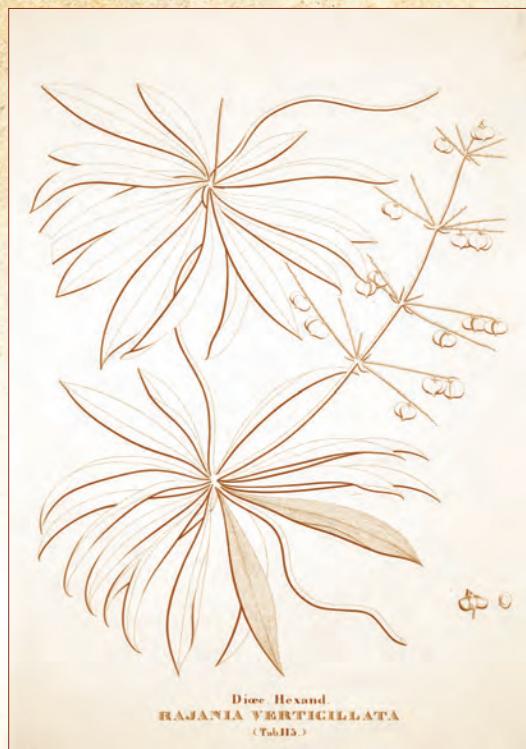
SARSAPARRILHA

Nome científico: *Herreria salsaparrilha*

Mart. [*Rajania verticillata* Vell.]

Família: HERRERIACEAE

*“As raízes desta espécie
substitui a salsaparrilha
oficial.”*



Volume X, prancha 115

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As raízes desta planta, ricas em saponinas, são usadas na medicina tradicional como “depurativas”. Estudos comprovaram a capacidade da planta em reduzir o colesterol e triglicérides do sangue, em camundongos.

Pereira e cols. (2015) Food Res Int. 76(3):366-372.



H. salsaparrilha Mart., Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG

SASSAFRÁZ

Nome científico: *Ocotea odorifera* (Vell.)

Rohwer [*Laurus odorifera* Vell.]

Família: LAURACEAE

“Chamada comumente
de Sassafráz.
Madeira tem odor.”



Volume IX, prancha 58

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se de um dos tipos de canelas nativas do Brasil. Várias atividades biológicas, entre elas antiparasitárias, têm sido definidas para essas plantas, por meio de estudos.

Alcoba e cols. (2017) Nat Prod Res. 12:1-4.

Gontijo e cols. (2017) Food Chem. 230:618-626.



O. odorifera (Vell.) Rohwer, Bichinho, Prados/MG

SAYÃO

Nome científico: *Kalanchoe crenata*
(Andrews) Haw. [*Cotyledon brasílica*
Vell.]

Família: CRASSULACEAE

“Comumente conhecido como
Sayão. Cresce em qualquer
lugar sombreado.”



Volume IV, prancha 184

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Diferentes espécies de *Kalanchoe* são conhecidas como saião. Estudos recentes com a *K. crenata* demonstraram efeito citotóxico *in vitro*, contra células de carcinoma da pele.

Kuete e cols. (2017) BMC Complement Altern Med.
17(1):280.



K. pinnata (Lam.) Pers., Tiradentes/MG

SERRALHA

Nome científico: *Sonchus oleraceus* L.

[*Sonchus laevis* Vell.]

Família: ASTERACEAE

“Comumente conhecida como Serralha. Cresce de forma espontânea nos quintais. Tem odor forte.”



Volume VIII, prancha 87

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta alimentícia. Estudos recentes comprovam o efeito benéfico do seu consumo na prevenção da úlcera gástrica e colite.

Alothman e cols. (2018) Saudi Pharm J.
26(7):956-959.



S. oleraceus L., Tirdadentes/MG

SIPÓ-CARIJÓ

Nome científico: *Davilla nitida* (Vahl)

Kubitzki [*Hieronon scabra* Vell.]

Família: DILLENIACEAE

“Chamada comumente de Sipó carijó devido a sua cor. Matas do litoral e interior. As pessoas do interior usam muito essa planta para fazer sebes.”



Volume V, prancha 116

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos mostraram efeitos contra bactérias resistentes a antibióticos usuais.

Perim e cols. (2018) Nat Prod Res. 23:1-6.



Davilla sp., Serra do Ibitipoca/MG

SIPÓ-ISSICA

Nome científico: *Mikania glomerata*
Spreng. [*Cacalia trilobata* Vell.]

Família: ASTERACEAE

“Comumente conhecida como
Sipó-issica. Flores odoríferas,
cândidas”.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se da planta conhecido hoje como guaco, da qual é produzida xaropes, inclusive pela indústria farmacêutica. As folhas são ricas em cumarinas, que lhe conferem um odor característico, especialmente quando desidratadas. O efeito anti-inflamatório foi confirmado por meio de vários estudos.

Pasqua e cols. (2018) J Ethnopharmacol.

pii: S0378-8741(18)32202-5.

Possebon e cols. (2018)

Biomed Pharmacother. 99:591-597.



Volume VIII, prancha 54



M. glomerata Spreng., Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG

SOUTA CAVALOS

Nome científico: *Luehea grandiflora*
Mart. & Zucc. [*Brotera maritima* Vell.]

Família: MALVACEAE

“Duas espécies chamam-se em português Souta cavalos e são usadas para os mesmos fins. Campos do interior.”



Volume VII, prancha 163

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não existem estudos de bioatividade para esta espécie.



L. grandiflora
Mart. & Zucc.,
São Gonçalo do
Rio Abaixo/MG

SUASSU-CAÁ

Nome científico: *Elephantopus mollis*

Kunth [*Elephantopus cervinus* Vell.]

Família: ASTERACEAE

“Essa planta costuma servir para alimentar os veados. O tufo dos cervos custa tanto quanto o bezoar asiático.”



Syng. Polyg. Segregata.
ELEPHANTOPUS CERVINUS
(Tab. 148.)

Volume VIII, prancha 148

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Bezoar é uma pedra ou nódulo calcário que se forma no estômago de alguns animais e que era usada como remédio. Estudo recente confirmou a atividade anti-inflamatória da planta.

Wu e cols. (2017) *Phytochemistry*. 137:81-86.



E. mollis Kunth, Serra de São José/MG

TRAPOEIRABA

Nome científico: *Commelina difusa*
Burm.f. [*Commelina communis* Vell.]

Família: COMMELINACEAE

“Nome vulgar Trapoeiraba.
Nenhuma planta é tão comum
e usual devido a sua forte
natureza refrescante.”



Triand. Monog.
COMMELINA COMMUNIS
(Tab. 75.)

Volume I, prancha 75

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Diferentes espécies de *Commelina* são conhecidas como trapoeiraba. Não existem estudos de bioatividade recentes com a *C. difusa* citada por Frei Vellozo.



C. obliqua Vahl, Serra do Lenheiro, São João Del Rei/MG

TUINAMTIIBA

Nome científico: *Erythrina*
coraliodendron L.

Família: FABACEAE

“Chamada comumente de
Tuinamtiiba. Matas do litoral
e em locais úmidos.”



Volume VII, prancha 101

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécies de *Erythrina* são conhecidas como mulungú, mas a *E. coraliodendron* L., citada por Vellozo, não ocorre no Brasil. A *E. mulungu* contém alcaloides com efeito sedativo que são, inclusive, usados na preparação de medicamentos pela indústria farmacêutica.

Amorim e cols. (2018) J Ethnopharmacol. pii:
S0378-8741(18)31575-7.



Erythrina sp., Barbacena/MG

TUPIXAVA, VASSOURINHA

Nome científico: *Scoparia dulcis* L.

Família: PLANTAGINACEAE

“Nome Indígena Tupixava e em português conhecido como Vassourinha. Ocorre em toda a parte, especialmente nas estradas e áreas recém-cultivadas. Ocupa lugar na Matéria Médica Brasileira, tanto no tenesmo, hemorroidas, inflamação dos anus ou dores é um remédio pronto”.



Volume I, prancha 23

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os efeitos antidiabético, imunoprotetor e anti-inflamatório da planta foram confirmados em estudos recentes.

Madakkannu & Ravichandran (2017) Toxicol Rep. 4:484-493.

Pamunuwa e cols. (2016) Evid Based Complement Alternat Med. 2016:8243215.



S. dulcis L., Santuário do Caraça, Catas Altas/MG

UNHA DE VACA, UNHA D'ANTA

Nome científico: *Bauhinia aculeata* L.

Família: FABACEAE

“Matas do litoral e
do interior.”



Volume IV, prancha 83

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A *B. aculeata* não ocorre no Brasil. Provavelmente o autor se referiu a *Bauhinia forficata* Link, também conhecida como pata de vaca. Atribui-se a esta espécie propriedades antidiabéticas, não confirmadas por estudos. A espécie citada por Vellozo nunca foi estudada.



Bauhinia sp., Cipotânea/MG

OUTRAS ESPÉCIES
CITADAS POR
FREI VELLOZO

(ordenadas por famílias botânicas)

AMARANTHACEAE

Nome científico: *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants [*Chenopodium sancta-maria* Vell.]

“Ocorre no litoral. O suco da planta contusa, principalmente das sementes, expele vermes Lumbricoides. Equivale a semen-contra. Tem forte odor.”



Volume III, prancha 104

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécie conhecida como erva de santa maria. Seus efeitos no combate de *Ascaris lumbricoides* são conhecidos e é devido à presença de uma substância tóxica, chamada ascaridol.

Zamilpa e cols. (2018) J Helminthol. 6:1-6.

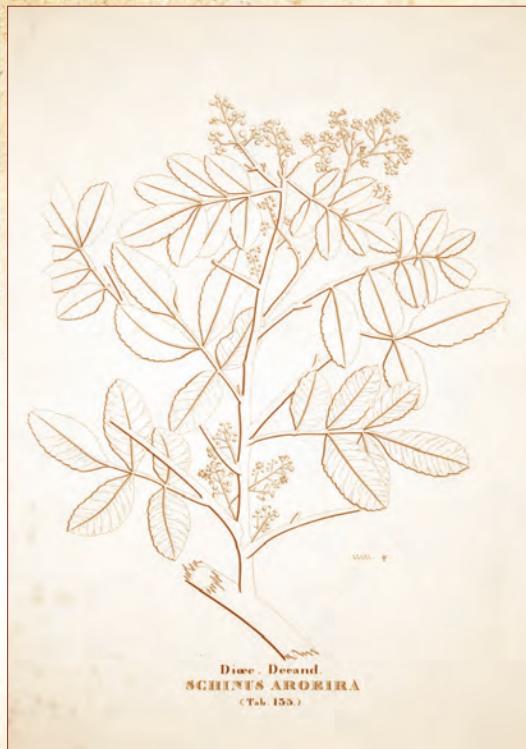


D. ambrosioides (L.) Mosyakin & Clemants, Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, BH/MG

ANACARDIACEAE

Nome científico: *Schinus terebinthifolia*
Raddi [*Schinus aroeira* Vell.]

“Ocorre por toda parte. Tem
vários usos médicos e
mecânicos devido a sua
adstringência.”



Volume X, prancha 135

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome popular é aroeira. Os frutos da planta, conhecidos como pimenta rosa, têm alto valor comercial hoje, devido ao seu sabor suave e aroma peculiar. Estudos recentes têm demonstrado efeitos inseticida, antiviral e antioxidante.

Iwanaga e cols (2018) Nat Prod Res. 18:1-4.
Nocchi e cols (2017) Planta Med. 83(6):509-518.

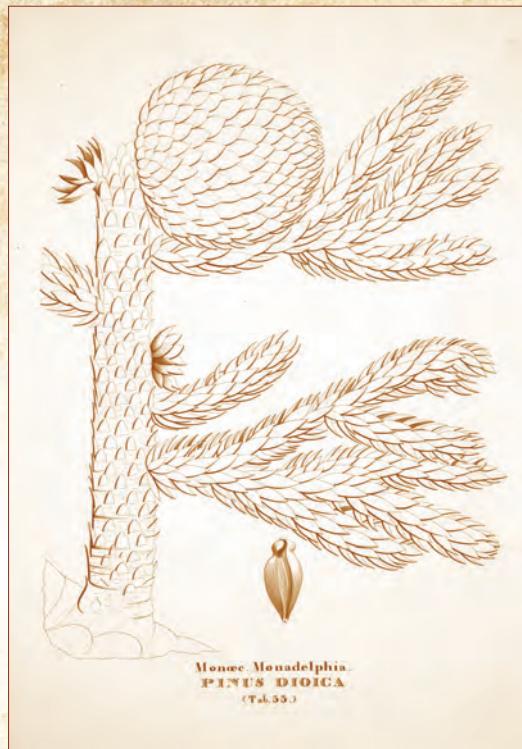


S. terebinthifolia Raddi, Serra de São José/MG

ARAUCARIACEAE

Nome científico: *Araucaria angustifolia*
(Bertol.) Kuntze [*Pinus dioica* Vell.

“Áreas montanhosas Fluminensis e de Minas Gerais, sendo muito frequente na região conhecida como Mantiqueira. Resina abundante exsuda da casca. Não sei se a qualidade é semelhante à da Europa. Uso da resina é desconhecido. A madeira é boa para construção.”

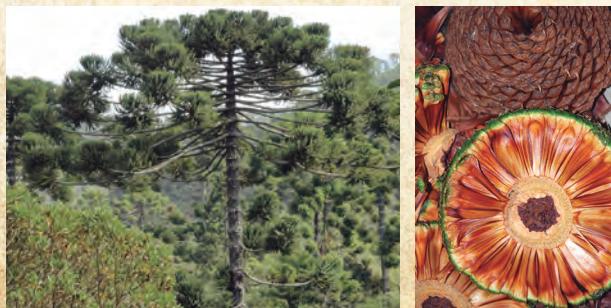


Volume X, prancha 55

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É a Araucária brasileira, produtora do pinhão, que tem alto valor nutricional. A árvore também tem uma resina muito aromática.

Santos e cols. (2018) Food Chem. 261:216-223.



A. angustifolia (Bertol.) Kuntze, Serra de São José/MG

BIGNONIACEAE

Nome científico: *Zeyheria montana*
Mart. [*Bignonia digitalis* Vell.]

“Campos e montanhas
do interior.”



Volume VI, prancha 47

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome da planta é bolsa de pastor, devido ao formato típico do seu fruto. Estudo recente mostrou que a planta é fonte de antioxidantes e substâncias imunomodulatórias, úteis na inflamação intestinal.

Seito e acols. (2015) J Pharm Pharmacol.
67(4): 597-604.



Z. montana Mart., Baependi/MG

DIOSCOREACEAE

Nome científico: *Dioscorea trifida* L.f.
[*Dioscorea quinquelobata* Vell.]

“Raiz tuberosa.
Cultivada nos quintais.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécies de *Dioscoreas* são os inhames, usados na alimentação há milênios. Vellozo cita nove espécies de *Dioscorea*, mas só a *D. trifida* é nativa do Brasil. Existe a variedade roxa, comum na Amazônia, e a branca. Os inhames são tubérculos grandes, com casca muito fina, e tem sido confundido com o cará (*Colocasia* sp.), que são redondos e cobertos de pelos. Somente os inhames são ricos em substâncias com estrutura semelhante aos hormônios, inclusive o estrogênio. Estudo recente mostrou que o consumo da *D. trifida* é benéfico na alergia alimentar.

Mollica e cols (2013) 5: 1985-1984.



Volume X, prancha 128



D. trifida L.f., Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG

EUPHORBIACEAE

Nome científico: *Joannesia princeps* Vell.
[*Andicus pentaphyllus* Vell.]

“Ocorre somente nas florestas.
Tem qualidade emética,
catártica e levemente purgativa,
quando se come uma ou duas
sementes ou se faz uma emulsão.
Já foi muito notório e usual
entre os camponeses, mas não
entre os médicos.”



Volume II, prancha 86

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome popular é cutieira. As sementes contêm um óleo com efeito purgante drástico. A ação é devida a estimulação intensa dos movimentos peristálticos, confirmada por estudo recente.

Araújo e cols. (2016) J Med Food.
2016 19(1):68-72.



J. princeps Vell., Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG

EUPHORBIACEAE

Nome científico: *Ricinus communis* L.

“Em Minas Gerais o óleo tirado dos grãos tostados é usado para iluminar as casas. Além disto, é usado como catártico na prática médica.”



Volume X, prancha 62

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se da mamona, espécie naturalizada. Das sementes da planta extrai-se o óleo de rícino que é empregado para vários fins industriais. Já foi muito usado como purgante.



R. communis L.,
Bichinho, Prados/
MG

FABACEAE

Nome científico: *Caesalpinia pulcherrima*
(L.) Sw. [*Poinciana pulcherrima* L.]

“Cultivada nos quintais.
Apesar de ser indicado como
emenagoga, o chá usado pelos
médicos é inerte.”



Volume IV, prancha 90

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos recentes mostraram efeito antibacteriano, anti-inflamatório e citotóxico.

Asati & Yadava (2018) Nat Prod Res. 32 (5):
499-507.

Erharuyi e cols (2017) Planta Med. 83 (1-02):
104-110.



C. pulcherrima (L.)
Sw., Santuário do
Caraça, Catas Altas/MG

FABACEAE

Nome científico: *Periandra mediterranea*
(Vell.) Taub. [*Glycyrrhiza mediterranea*
Vell.]

“Campos do interior.
Perto de Cunha. Raiz doce.
Uso médico semelhante à
planta Europeia.”



Diadelph. Decand.
GLYCYRRHIZA MEDITERRANEA
(Tab. 145)

Volume VII, prancha 145

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Devido à sua raiz doce, recebe o nome de alcaçuz, *Glycyrrhiza glabra*, nativa da Europa. Não existem estudos recentes com a alcaçuz brasileira.

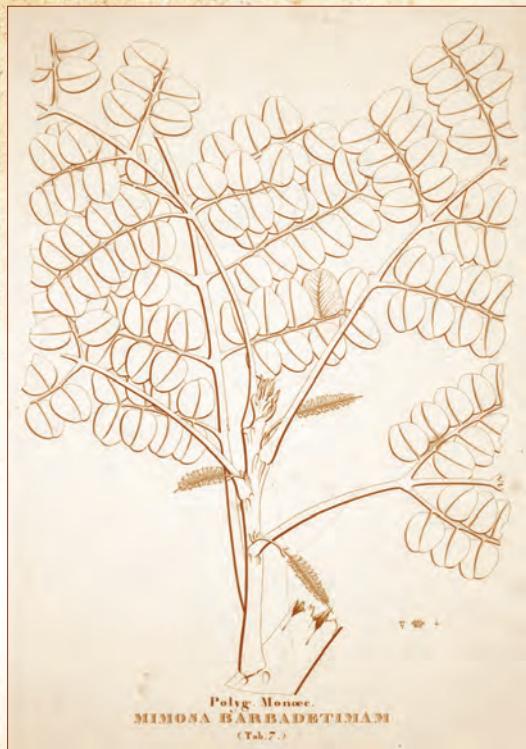


P. mediterranea (Vell.) Taub.,
Parque do Itacolomi, Ouro Preto/MG

FABACEAE

Nome científico: *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville [*Mimosa barbadetima* Vell.]

“Campos do interior. Casca tem propriedades sérias como adstringente, notada na Europa.”



Volume XI, prancha 07

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É o barbatimão, planta comum nos cerrado. A casca, rica em taninos, já foi muito empregada na indústria do curtume. Remédios da planta são usados principalmente como cicatrizante de feridas e vários estudos comprovam esta ação.

Ricardo e cols. (2018) J. Ethnopharmacol.
219:319-336.

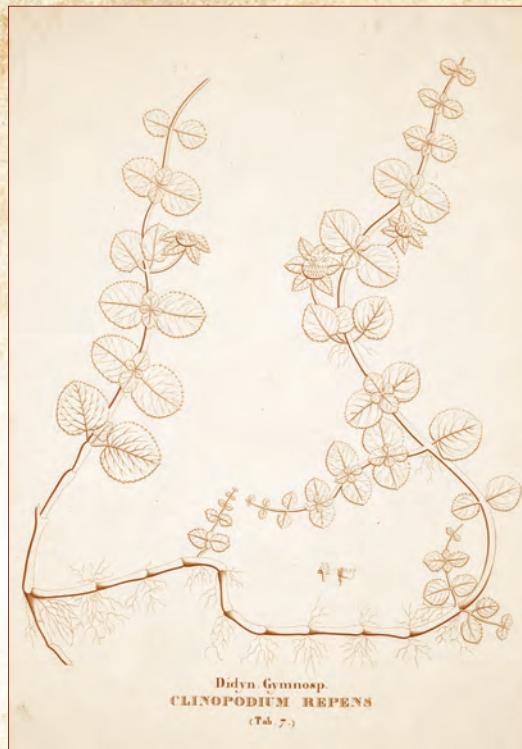


S. adstringens (Mart.) Coville, Prados/MG

LAMIACEAE

Nome científico: *Hyptis radicans* (Pohl) Harley & J.F.B. Pastore [*Clinopodium repens* Vell.]

“Ocorre nas matas úmidas
de Parati. Tem aroma
de Menta.”



Volume VI, prancha 07

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Conhecido como hortelã do campo. Apesar do registro secular, não existem estudos de bioatividade com a planta.



H. radicans (Pohl) Harley & J.F.B. Pastore,
Serra do Leão, São João Del Rei/MG

MELIACEAE

Nome científico: *Cedrela fissilis* Vell.

“Árvore fornece madeira excelente. Duas espécies fornecem aos construtores madeira de muitíssimo valor. Elas crescem na ilha de São Sebastião. Fornece taboas de 11 palmos e para isto é preciso ter uma circunferência de 44 palmos.”



Volume II, prancha 68

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome popular é cedro. A madeira é valiosa e aproveitada em construções. Não existem estudos de bioatividade com a planta.



C. fissilis Vell., São João Del Rei/MG

MYRTACEAE

Nome científico: *Eugenia uniflora* L.
[*Plinia rubra* L.]

“Existem duas espécies das
quais uma tem a fruta
vermelha e não sulcada e outra
tem a fruta negra e sulcada.
As duas espécies são
chamadas popularmente
de pitangas.”



Volume V, prancha 46

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vários estudos vêm sendo realizados com as todas as partes da planta, que evidenciaram os efeitos antioxidante, antimicrobiano, anti-inflamatório.

Santos e cols. (2018) Food Chem. 261:233-239.

Migues e cols. (2018) Foods. 24:7(5). pii: E67.



E. uniflora L., Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG

RUBIACEAE

Nome científico: *Coffea arabica* L.

“Cultivada nos quintais. Apesar de ser exótica adaptou-se tão bem no nosso clima que cada ano sai navios carregados de muitas centenas de milhares de libras para a África e a Europa. Planta conhecidíssima julga desnecessário falar mais.”



Volume II, prancha 10

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se do café, espécie exótica cultivada. É interessante observar que a planta já era exportada no século XVIII. Como diz Vellozo, planta conhecidíssima e com centenas de estudos.



C. arabica L., São João Del Rei/MG

SOLANACEAE

Nome científico: *Nicotiana tabacum* L.

“Cresce nas matas do litoral e interior. Cultivada nos quintais. Planta conhecidíssima, não precisa falar. Aqui o que é consumido é importado da cidade de São Paulo e da região das minas.”



Volume II, prancha 71

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Fumo, planta exótica cultivada. Já foi muito usada como remédio especialmente em problemas da pele. É considerada hoje uma planta tóxica.



N. tabacum L., São João Del Rei/MG

URTICACEAE

Nome científico: *Cecropia pachystachya*
Trécul [*Cecropia peltata* Vell.]

“Litoral e interior. Tem propriedades médicas para curar cancros recentes, que não são venéreos. Tem uso mecânico também para produzir sais alcalinos próprios para a fabricação de vidro.”



Volume X, prancha 101

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se de um dos tipos de embaúba. Muitos estudos têm sido realizados recentemente com essas plantas evidenciando efeitos antidepressivo e cicatrizante de feridas. Os efeitos são relacionados à presença de polifenóis.

Ortmann e cols. (2016) Neurotox Res. 29(4):
469-83.

Duque e cols., (2016) J Pharm Pharmacol.
68(1):128-38.



Cecropia sp., Serra
de São José/MG

VERBENACEAE

Nome científico: *Stachytarpheta jamaicensis*
(L.) Vahl [*Verbena jamaicensis* L.]

“Cresce acompanhando as ruas. Entre os habitantes dos campos tem uso muito frequente, que a Matéria Médica não aproveita.”



Volume I, prancha 37

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta ruderal, cujo nome popular é gervão. Apesar do uso médico muito antigo, registrado por Vellozo, nenhum estudo de bioatividade foi realizado recentemente com esta planta.



S. jamaicensis (L.) Vahl, Serra de São José/MG

GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS

Adstringente – Contraí os tecidos da pele e mucosa dando sensação de firmeza

Alcaloides – Tipo de substância natural com diversos efeitos biológicos

Anticâncer – Combate o câncer

Antidepressivo – Combate a depressão

Antidiabético – Útil no tratamento da diabetes

Antidiarreico – Combate a diarreia

Antifúngico – Ou fungicida, elimina fungos

Anti-helmíntico – Contra os vermes intestinais

Anti-inflamatório – Contra inflamação

Antimalárica – Combate a malária

Antimicrobiano – Contra os micro-organismos

Antioxidante – Neutraliza os radicais livres presentes que danificam o organismo

Antiparasitário – Combate os parasitas

Antitumoral – Combate o crescimento de tumores

Antiviral – Combate os vírus

Antocianinas ou Antocianidina – Substância natural de elevada capacidade antioxidante

Bálsamo – Produto aromático que exsuda de algumas plantas

Bioatividade – que tem ação sobre os sistemas biológicos

Carcinoma – Tipo de câncer

Cardioativo – Que acelera os batimentos cardíacos

Cicatrizante – Fecha os tecidos injuriados

Citotóxico – Causa danos à células

Colite – Inflamação do intestino grosso

Diabetes – Doença causada pela falta de insulina

Digestivo – Que melhora a digestão

Diterpenos – Grupo de substância natural

Diurético – Promove diurese

Flavonoides – Substâncias naturais amarelas com efeitos antioxidantes

Furanocumarina – Substâncias que em contato com a pele promovem hiperpigmentação

Imunomodulatório – Regula a imunidade

Inibidores do HIV-1 – Inibe o vírus responsável pela AIDS

Inseticida – Combate os insetos

Movimentos peristálticos – Movimentos normais do intestino

Neurodegenerativo – Que prejudica o Sistema Nervoso Central

Nutricional – É nutritivo

Obesidade – Doença cuja característica é o excesso de peso

Óleos voláteis – São os aromas exalados pelas plantas

Osteoporose – Doença que causa fraqueza nos ossos

Planta exótica – Que é nativa de outro continente, mas ocorre aqui

Planta nativa – Espécie do próprio Continente

Planta naturalizada – Espécie exótica que ocorre espontaneamente

Planta ruderal – Espécies nativas ou exóticas que “nascem em qualquer lugar”

Saponinas – Substância natural que fornece espuma quando agitada em água

Sedativo – Que causa sedação

Substâncias fenólicas – Substâncias naturais com efeito antioxidante

Taninos – Substâncias naturais que promovem adstringência

Úlcera gástrica – Ferida que acomete a mucosa estomacal

ÍNDICE REMISSIVO

- Abelmoschus esculentus* (L.) Moench - 69
Acanthospermum australe (Loefl.) Kuntze - 39
Acmella oleracea (L.) R.K. Jansen - 60
Adiantum trapeziforme L. - 27
Ageratum conyzoides L. - 46
Albará - 20
Alecrim - 21
Almessega - 22
Aloe perfoliata L. - 30
Amaranthus viridis L. - 40
Ambuyaembo - 23
Aminiu - 24
Anadenanthera colubrina (Vell.) Brenan - 41
Angico - 14
Anhangá puturû - 23
Annona mucosa Jacq. - 67
Annona muricata L. - 67
Annona sylvatica A.St.-Hil. - 67
Apertarúão - 25
Araçá - 26
Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze - 86
Aristolochia cymbifera Mart. & Zucc. - 23
Asclepias curassavica L. - 62
Avenca - 27
Axiótlí - 28
Azedas - 29
Baboza - 30
Baccharis crispa Spreng. - 38
Baccharis dracunculifolia DC. - 21
Bauhinia aculeata L. - 82
Bixa orellana L. - 28
Buddleja stachyoides Cham. & Schltld. - 33
Caapéba - 31
Caa-vu - 32
Cabralea canjerana (Vell.) Mart. - 35
Caesalpinia pulcherrima (L.) Sw. - 91
Calsas de velha - 33
Canella de ema - 34
Canjerana - 35
Canna do brejo - 36
Canna indica L. - 20
Carôba - 37
Carqueja - 38
Carrapixos - 39
Caruru miúdo - 40
Cauvi - 41
Cayapiá - 42
Cecropia pachystachya Trécul - 99
Cedrela fissilis Vell. - 95
Ceiba speciosa (A.St.-Hil.) Ravenna - 65
Chaptalia nutans (L.) Polák - 56
Cissampelos ovalifolia DC. - 64
Coffea arabica L. - 97
Colocasia esculenta (L.) Schott - 50
Commelina difusa Burm.f. - 79
Congonha - 43
Contra-herva - 42
Copaiba - 44
Copaifera spp. - 84
Copaiva - 44
Copaiveira - 44
Costus arabicus L. - 36
Cuipeúna - 45
Davilla nitida (Vahl) Kubitzki - 75
Dioscorea trifida L.f. - 88
Dorstenia cayapia Vell. - 42
Dysphania ambrosioides (L.) Mosyakin & Clemants - 84
Elephantopus mollis Kunth - 78
Erva de São João - 46
Eryngium pristis Cham. & Schltld. - 55
Erythrina sp. - 80
Eugenia uniflora L. - 96
Figueira terrestre - 42
Gossypium arboreum L. - 24
Guayaba - 47
Handroanthus serratifolius (Vahl) S.Grose - 51
Herreria salsaparrilha Mart. - 71
Herva pombinha - 48

- Hibiscus sabdariffa* L. - 29
Hyptis radicans (Pohl) Harley & J.F.B. Pastore - 94
Iapecanga - 49
Ilex dumosa Reissek - 43
Indigofera suffruticosa Mill. - 32
Inhame - 50
Ipê do campo - 51
Ipeúva - 51
Isica - 22
Jaboticaba - 52
Jacarandá - 53
Jacaranda caroba (Vell.) DC. -
Joá arrebenta - 54
Joannesia princeps Vell. - 89
Kalanchoe crenata (Andrews) Haw. - 73
Lingua de tucano - 55
Lingua de vacca - 56
Luehea grandiflora Mart. & Zucc. - 77
Macella - 57
Machaerium spp. - 53
Maracujá - 58
Mbeery - 20
Melão de São Caetano - 59
Mentrasto - 46
Mikania glomerata Spreng. - 76
Momordica charantia L. - 59
Nhambú - 60
Nhamburana - 60
Nhandi - 61
Nicotiana tabacum L. - 98
Ocotea odorifera (Vell.) Rohwer - 72
Official de sala - 62
Ora pro nobis - 63
Orelha de onça - 64
Pacó-caatinga - 36
Paineira - 65
Passiflora edulis Sims - 58
Pereskia aculeata Mill. - 63
Periandra mediterranea (Vell.) Taub. - 92
Periparóba - 31
Petiveria alliacea L. - 68
Phyllanthus niruri L. - 48
Pindaíba - 66
Pinhas - 67
Piper aduncum L. - 25
Piper anisum (Spreng.) Angely - 61
Piper umbellatum L. - 31
Pipí - 68
Plinia cauliflora (Mart.) Kausel - 52
Protium heptaphyllum (Aubl.) Marchand. - 22
Pseudognaphalium cheiranthifolium (Lam.) Hilliard & B.L.Burt - 57
Psidium arboreum Vell. - 26
Psidium guajava L. - 47
Psidium rufum Mart. ex DC. - 26
Pteridium caudatum (L.) Maxon - 70
Quiabo - 69
Quigongó - 69
Ricinus communis L. - 90
Sarsaparrilha - 71
Samambaia - 70
Sassafráz - 72
Sayão - 73
Schinus terebinthifolia Raddi - 85
Scoparia dulcis L. - 81
Serralha - 74
Sipó-carijó - 75
Sipó-issica - 76
Smilax fluminensis Steud. - 49
Solanum capsicoides All. - 54
Sonchus oleraceus L. - 74
Souta cavalos - 77
Stachytarpheta jamaicensis (L.) Vahl - 100
Stryphnodendron adstringens (Mart.) Coville - 93
Suassú-caá - 78
Tapyra-pecû - 56
Taya-oba - 50
Pleroma mutabile (Vell.) Triana. - 45
Tonhôaemrambeora - 33
Trapoeiraba - 79
Tuinamtiiba - 80
Tupixava - 81
Unha d'anta - 82
Unha de vaca - 82
Urucú - 28
Vassourinha - 81
Vellozia candida J.C. Mikan - 34
Verbasco - 33
Xylopia frutescens Aubl. - 66
Zeyheria montana Mart. - 87

REFERÊNCIAS

- BEDIAGA, B., LIMA, H.C. 2015. A Flora Fluminensis de Frei Vellozo: uma abordagem interdisciplinar. Bol. Mus. Para Emílio Goeldi. Cienc. Hum. 10(1): 85-107.
- BEDIAGA, B., LIMA, H.C. 2014. Reflexões sobre a Flora Fluminensis de Frei Vellozo. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh – Rio: saberes e Práticas Científicas. 1-7.
- BRANDÃO, M.G.L. 2010. Plantas Úteis de Minas Gerais, na Obra dos Naturalistas. IDM Composição e Arte Ltda: Belo Horizonte, 120pp.
- CUNHA, L.F.F. 1999. Frei Vellozo e sua trajetória no século XVIII. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. 78-88.
- RICARDO, L.M., DIAS, B.M., MÜGGE, F.L.B., LEITE, V.B., BRANDÃO, M.G.L. 2018. Evidence of traditionality of Brazilian medicinal plants: The case studies of *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville (barbatimão) barks and *Copaifera* spp. (copaíba) oleoresin in wound healing. J. Ethnopharm 219: 319-336.
- STELLFELD, C. 1952. Os Dois Vellozo. Gráfica Editora Sousa: Rio de Janeiro, 267 pp.
- STELLFELD, C. 1944. Nomes vulgares das plantas estudadas por Frei Vellozo em sua obra Flora Fluminensis (1790), segundo o texto editado por Ladislau Neto nos Arquivos do Museu Nacional em 1881. Tribuna Farmacêutica, 25-36.
- VELLOZO, J.M.C. 1881 (1790). Florae Fluminensis. Archivos do Museu Nacional. 461 pp.

Neste catálogo, são apresentados dados e imagens de 80 espécies de plantas citadas na obra *Florae Fluminensis*, organizada pelo naturalista brasileiro Frei Mariano da Conceição Vellozo, em 1790. Entre as plantas apresentadas, várias são acompanhadas pelo seu nome e uso tradicional. Essas informações são importantes porque são primárias, ou seja, foram recolhidas uma época na qual a vegetação nativa era preservada e a população fazia uso, prioritariamente, de espécies da biodiversidade brasileira.

Frei Vellozo era Tiradentino, e construiu uma obra magnífica sobre as plantas brasileiras. Para nós é uma grande honra presentear Tiradentes com um trabalho sobre seu filho ilustre, junto das comemorações dos 300 anos da cidade.

CEPLA *m* T

**Centro Especializado em Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas
Museu de História Natural e Jardim Botânico
Universidade Federal de Minas Gerais**

ISBN 978-85-9548-061-2



9 788595 480612